

OSCAR KROST

O LIVRINHO



Apresentação Viegas Fernandes da Costa


EDITORA
AmóLer

Copyright © 2023

O LIVRINHO

Tiragens impressa e eletrônica protegidas pela Lei n. 9.610/98 (Lei dos Direitos Autorais), ficando expressamente autorizada pelo titular da obra a distribuição e o compartilhamento da versão digital (e-book) sem qualquer custo, assegurada a identificação da autoria.

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Imagem capa

@angelicasil.atelie | artbyangelicasil@gmail.com
Crédito e autoria da pilha de livros em miniatura

Diagramação

AmoLer Diagramações

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes - CRB-8 8846

K93l Krost, Oscar.

O Livrinho / Oscar Krost. – 1. ed. – Blumenau, SC :
AmoLer Editora, 2023.

192 p.; 12 x 16 cm.

ISBN 978-85-7172-085-5.

1. Poemas. I. Título. II. Assunto. III. Autor.

CDD 869.91
CDU 82-1

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Literatura brasileira: Poesia / Prosa.
2. Literatura: Poesia (Brasil).

APRESENTAÇÃO

Viegas Fernandes da Costa

“Sentado no meio do campo despovoado, o escrevente segura seu esquinado perfil para que nele não se percam os sinais de uma humanidade que cada instante torna mais imprecisa”, atestou José Saramago em crônica publicada no início da década de 1970. Porque todo escrevente é uma espécie de hidroestesista no deserto, como não? Afinal, como escreve Oscar Krost, “carro do ano, coleção da estação, meme da hora, atualização do minuto... em meio a tantas versões, o que sobra para versos e versinhos?”. Caber n’O Livrinho!

Em 1973 Mário Quintana publicou seu “Caderno H”, e um bibliotecário cioso das taxonomias precisas decidiu por classificar

os textos do “nosso passarinho” de “poesia epigramática”. Por sorte do poeta e do seu “Caderno”, leitores não têm por hábito iniciar a leitura de um livro pela sua ficha catalográfica. Poesia epigramática soa como um paralelepípedo lançado sobre a cabeça do incauto leitor. O que Quintana fez foi juntar a matéria dos dias (e das vidas), espalhadas como sementes pelas páginas de jornais há muito esquecidos, na autoridade das páginas espremidas entre duas capas. Não é diferente aqui, embora com uma ressalva – importante ressalva! –, porque neste caso Oscar Krost reuniu suas sementes germinadas entre 2016 e 2020 e que estavam espalhadas pelos arquivos pessoais, mas inéditas ao público. Ainda assim, tal qual Quintana, também Oscar juntou a matéria dos dias e das vidas, e “de tanto ler os outros, (acabou se) escrevendo”. Por isso vos digo, este livro poderia muito bem se chamar “Caderno K”, a consoante reabilitada

no alfabeto português. Não o K de Keuner do sr. Brecht, mas de Krost, este sobrenome que o então menino Oscar lapidou nos cadernos de caligrafia e que resgatou do passaporte do avô lituano emigrado em 1927.

“O Livrinho” é a estreia de Oscar Krost na literatura não jurídica, e tal qual no “Caderno H” de Quintana, também aqui a dificuldade das cercas e fronteiras. Mas em essência, trata-se da declaração de amor do autor à palavra impressa e encadernada, que caiba no bolso para que possa acompanhar as gentes junto da pele, ainda que seu eu poético diga que o formato de bolso se preste a “reduzir a um palmo qualquer expectativa sobre seus autores”. Artifício dos bons cronistas a falsa modéstia.

Os textos de O Livrinho, diversos nos temas e nos gêneros, vão da crônica ao aforismo e têm como fio condutor a ironia e a urgência do mundo, ora tangenciando o cinismo, ora

tangenciando a esperança honesta naquilo que ainda nos resta de humanidade. Em alguns momentos, Oscar nos telegrafia. A telegrafia, como sabemos, é a apologia da palavra. A palavra precificada, cara, com densidade real.

Em meio aos textos duros que denunciam um mundo de conexões virtuais, onde é possível conectar e desconectar seres humanos como quem recolhe ou descarta mercadorias ordinárias em gôndolas de supermercado, surgem preciosidades líricas, como quando o autor escreve “Arvoreceu com o canto dos pássaros, orvalhado da esperança da madrugada”, ou ainda, “Nascente ou poente, o sol é sempre mais do que se consegue lembrar”, evocações da poética de Manoel de Barros e da qual Oscar Krost assume ter bebido. Também o humor é característica presente neste livro, como podemos observar nos aforismos “Pisar em ovos nunca foi solução. Apenas anuncia a morte

da galinha.”; e, “Todo corte deixa marcas...só o machado não percebe.”

Se “a cumplicidade é a menor distância entre dois seres”, a leitura deste “Caderno K”, ou “O Livrinho”, aproxima-nos de Oscar Krost como cúmplices que a literatura nos torna, no esforço para que não percamos os sinais de uma humanidade a cada instante mais imprecisa.

Reflexões registradas entre agosto/2016
e janeiro/2020, antes da pandemia, da
covid-19, de toda essa calamidade aí...

SUMÁRIO

1. O virtual e o virtuoso.....	23
2. Partir. Repartir. Partilhar.....	23
3. Relatividade	24
4. Confuso pra quem?.....	26
5. Sonhos.....	27
6. Já eras.....	29
7. Saudade.....	30
8. Abuso	31
9. Convivência ou por relações mais horizontais.....	34
10. Homenagem ao Barão de Itararé.....	35
11. Tesão	36
12. Fila.....	36
13. Gota	38
14. Crespo do mundo.....	39
15. Estação	41

16. Oportunidade	41
17. Palavra.....	41
18. Nova política	43
19. Paradoxo.....	44
20. Meteorologia do ser	44
21. Entradas e saídas	45
22. Fugaz.....	45
23. Viagem.....	46
24. Mea-culpa	47
25. Antipoesia.....	47
26. Lições de minha vó	48
27. “Navegar é preciso, viver não é preciso!”	50
28. Amor.....	50
29. Horizonte.....	51
30. Livro do ano	51
31. Paradoxos	54
32. Clichê.....	55
33. Teias, redes e WWW	55

34. Caracóis ao vento	56
35. Engano de Narciso	57
36. Olhos nos olhos	57
37. Ecos noturnos	57
38. Viver exige	58
39. Pressão	59
40. Pequeno glossário	59
41. Sartre, o inferno e os outros.....	63
42. Gritos do silêncio	64
43. Contágio	65
44. Exibicionismo de outrora	65
45. Surpresas da noite.....	66
46. Desafios	67
47. Esconde-esconde	67
48. Por favor	68
49. Ode ao amor condicionado.....	69
50. Movimento	70
51. Ressignificar.....	71

52. Ausência	72
53. Poderes.....	72
54. Sustão.....	72
55. Estações	73
56. <i>Libertas quae sera tamen</i>	73
57. A pedra	74
58. Equilíbrio	75
59. Para que nadar?.....	76
60. Ditos impopulares.....	77
61. Haja	77
62. Vento.....	78
63. Ência	78
64. Uns e outros.....	79
65. De era em era.....	79
66. Escolhas difíceis	79
67. Clima	79
68. Máximas	80
69. <i>Pockets</i>	80

70. Palavra.....	81
71. Melancólico	81
72. Sentença	81
73. Superfície	82
74. Asas da paixão	83
75. Tanto.....	83
76. Câmbio2	84
77. Saltos no escuro	84
78. Trocas e toques.....	84
79. Suicídios	85
80. Crédito ou débito?.....	86
81. Sobras e faltas	88
82. Tramas (ou redes) sociais	89
83. Gramática do hoje.....	89
84. Moldes	90
85. Acaso.....	91
86. Morte do amor táctil	91
87. Mais Manoel.....	94

88. Beleza.....	95
89. Para quê?	95
90. Harmonia.....	96
91. Inexplicável.....	96
92. Certo e errado	97
93. Pois.....	97
94. Pensamentos.....	98
95. Guimarães Rosa.....	99
96. <i>Instagram</i>	99
97. Trilhando	100
98. 3, 2, 1...	100
99. Dores.....	101
100. Melhor da festa.....	102
101. Fusão.....	102
102. Descoberta.....	102
103. Partida	104
104. Palavras.....	105
105. Momentos	107

106. Máximas que são mínimas	108
107. Olhares	108
108. Prazer em conhecer.....	109
109. Passarão	110
110. Mais estações.....	110
111. Inverdade	111
112. Mentir.....	112
113. Inferno astral.....	112
114. Cego, surdo e mundo	113
115. Manoeldebarrices pra variar.....	113
116. Lições.....	114
117. Livros.....	114
118. Corte	115
119. Amarras.....	115
120. Antilógica	116
121. Manoel	117
122. Tanto faz	117
123. Ser ou não ser	118

124. Encontros	118
125. Arte est.....	120
126. Sonhos e.....	121
127. Entropia	121
128. Céu e chão	122
129. Chuva	123
130. Separação	123
131. Autenticidade	124
132. Figura e fundo.....	125
133. Doresssss	125
134. Causas.....	126
135. Com texto.....	127
136. Cada uma que me aparece... ..	127
137. Loucos	135
138. Quer saber?	136
139. Pontos em vista.....	138
140. Ler ou não ler, eis a questão.....	140
141. Adeus.....	141

142. Cambalache ou pós-verdade.....	141
143. O homem e o pó.....	142
144. Envolvimento.....	143
145. Beijo.....	144
146. Humanidade.....	145
147. Ameaça.....	146
148. Caligrafia do ser.....	150
149. Em curto.....	150
150. Filtros.....	150
151. Mãe.....	151
152. Escafandro de mim.....	151
153. Morta vida morta.....	152
154. Foi?.....	152
155. Bons tempos.....	153
156. Versando.....	153
157. Sutileza.....	154
158. Tá.....	155
159. As cores da reflexão.....	155

160. Poesia e se.....	156
161. Enquadramento.....	157
162. Lance	158
163. Escolhas decisivas.....	158
164. Arte.....	159
165. Arterógena.....	159
166. Sentir	159
167. Diferença	160
168. Aventurar-me em ti.....	160
169. Cerca y lejos	161
170. Sem te.....	161
171. Poeta	162
172. Atados	162
173. Expectar	162
174. Ah! PROBLEMAS & problemas	164
175. Do ser e do humano	167
176. Níveis.....	168
177. Grada são	169

178. Arte-são.....	169
179. Será?.....	170
180. Subject.....	170
181. Poesia carnal.....	171
182. Infinito	172
183. Plantar	173
184. Tomar partido.....	173
185. Ora, bolhas!.....	174
186. Além, aquém, amém.....	174
187. Is tor ia.....	175
188. Agonia.....	176
189. ... pé nem cabeça.....	177
190. Labaredas.....	179
191. Impossível.....	181
192. Ser no mundo	181
193. Poesia.....	182
194. Fé.....	184
195. Vida.....	185

196. Se foi.....	185
197. Inversa (e estranha) mente proporcional...	186
198. Inconclusiv	187
199. Lições da intempérie	187
200. <i>Links</i>	188
201. Dezembrando	189
202. Tempo e vida	189
203. Trilhar-se.....	190
204. Manhã de sol.....	191

1. O virtual e o virtuoso

De tanto caçar monstros pela telinha, acabou tropeçando na realidade.

Ou quase.

Era só uma figura de linguagem, pra ser exato.

Pisou, de leve, sobre o eufemismo “sem teto”.

Ao invés de pedir desculpas, xingou. Gesticulou.

Mas antes de seguir em frente, pensou, o que há muito não fazia: onde esse mundo vai parar?!?!

2. Partir. Repartir. Partilhar.

Quem parte não olha pra trás, pra não encarar o partido.

O local, o que fica, o repartido, em pedaços ou fragmentos.

Partilhar não exige quebra, mas desprendimento, compaixão e amor.

Aquele que parte, raras vezes reparte ou partilha, apenas separa, corta, se afasta e se vai.

Deixa pedaços, lascas, cacos, mas também lembranças.

E assim as vidas seguem, como se por um novo parto, cada um renascesse, a partir da reunião de partes que um dia creram ter formado um único todo.

3. Relatividade

Distanciar para melhor ver.

Perspectiva.

Afastar para ganhar terreno.

Impulso.

Separar para reavaliar.

Tentativa.

Seccionar para compreender.

Ciência.

Fragmentar para assegurar.

Ilusão.

Aceitar para não esquecer.

Infinito.

Mas, afinal, essa tal distância existe mesmo ou é mais um clichê perdido no espaço-tempo?

Sinceramente, tanto faz, pois o que realmente importa, memória e sentimento, é imune a ela.

4. Confuso pra quem?

Confuso, eu?

Como assim?

Só por que ora sou sorriso e um minuto depois,
pranto sem fim?

Qual o problema?

Por acaso a gente nasce com manual, painel de
controle e telefone de Serviço de Atendimento
ao Consumidor estampados no lombo?

Gostei, gostei... mas se não gostei... daí... da-
nou-se...

Mas como vou saber antes de acontecer?

E depois da coisa toda se dar, quem garante que
vai ficar bom?

Na vida, a única coisa 100% garantida é a tal de
morte.

Mas até pra isso o sujeito tem que ter sorte, pois assim como tem quem defínhe por anos em puro sofrimento, outros adormecem e pronto, serenos, não acordam nunca mais.

Resumindo, mas bem resumidinho: a culpa por todos esses “altos e baixos” não é minha, juro!

É de um cara só, ou melhor, de dois, pois nasci em junho e sou de gêmeos.

E pra piorar, com ascendente em escorpião.

Pronto, falei!

5. Sonhos

Noite passada, sem sono, cochilei.

E quase por ironia, cheguei a sonhar.

Sonhei que sonhava. E no sonho, não havia motivo para perder o sono.

Não que tudo fossem flores. Ao contrário. Ha-

via problemas, dores e desamores. Mas muito pueris, frágeis, quase bobos, como num breve faz de conta. Afinal, faziam parte de um simples sonho.

Mas como tudo o que é bom dura pouco, despertei, não sei se do cochilo ou do sonho mesmo, e aí as coisas mudaram.

Foi quando me dei conta. Cochilo, sonho, pesadelo, vida, morte, ressurreição... tanto faz o nome que damos às coisas, às pessoas e aos sentimentos. Ou mesmo os nomes que acabamos recebendo.

Pois nada é. Tudo está sendo, num fluxo infinito entre o que já foi e o que poderá vir a ser. E nunca conseguiremos apreender o tempo.

Que nos conformemos em viver, desafio nada pequeno, admito, escrevendo nossas próprias histórias, descrevendo, em toques ligeiros do teclado, nossos sentimentos e impressões.

6. Já eras

Respirar.

Não sentir.

Não-lugar.

Para onde ir.

O que és?

Já nem sei.

De um a dez...

Me cansei.

O que te importa?

Tudo ou nada?

Matéria morta.

Na escura estrada.

Adeus, até logo...

Tanto faz.

E agora rogo:

Descanse em paz.

7. Saudade

Saudade não apenas do que foi, mas do que não foi e poderia ter sido.

Saudade do que sequer se imaginou ser possível, provável, hipotético.

Saudade... ou pura melancolia. Misto de “será?” com “já foi?”

Mas o que é a vida, senão uma alternância incessante e frenética entre saudades e desejos?

Desejo de poder sentir saudade de alguém ou saudade de alguém por quem se sentiu desejo?

E olhando para frente, vejo um longo caminho se formando e, com ele, uma perspectiva de experimentar novas e velhas... saudades.

8. Abuso

Nem sei por onde começar.

É muito constrangedor.

Vamos lá.

Pode parecer exagero, mas não pra mim.

Para alguns, soa bobo, uma brincadeira.

Vejo diferente.

Sabe quando você pensa em algo, e a palavra vai saindo?

Aí ele se apresenta e tenta adivinhar, simplesmente se pondo em minha frente.

Um dia desses, por exemplo, pensei em falar sobre monogamia com uma amiga.

Mal chequei ao “mono” e lá veio ela me interrompendo, disparando uma “monotonia”.

Sorri, não quis ser rude e deixei assim.

Merda.

Mudou tudo o que eu estava tentando dizer e nem sei se a pessoa com quem falava notou minha “saia justa”.

Foi educada.

Uma vez ou outra, até vai!

Mas todo dia... várias vezes ao dia... é “pracabar”.

Não vou mentir.

Tem horas que até acho engraçado.

Chego a sorrir.

Isso só piora as coisas, porque não me afasto e acabo relevando as “sugestões”, intromissões e, até mesmo, alguns abusos.

Por fora não demonstro.

Mas por dentro... tenho vontade de mandar longe, jogar na parede, pisar em cima... mas respiro fundo e logo passa.

Ou praticamente passa.

Será que é pedir demais?

Me deixar livre, na minha, em paz?

(Pausa. Silêncio. Respiração.)

Ok.

Já sei.

Depende só de mim.

Não há receita pronta e acabada, nem jeito de pedir para os outros fazerem no meu lugar.

E então?

Certo.

Entendi.

É matar ou morrer.

Não existe meio termo.

Ou vai, ou racha!

Independência ou morte!

Prometo: segunda-feira, sem falta, vou tomar uma atitude drástica!

Desabilito essa droga de autocorretor de texto e não me incomodo mais com isso!!!

Pra sempre!!!

9. Convivência ou por relações mais horizontais

Cansei de ser síndico: de agora em diante, quero ser condômino!

10. Homenagem ao Barão de Itararé

(7, na verdade... uma conta de mentiroso)

VII. A maré não tá pra peixe.

Então deve estar pra pescador!

VI. Um dia é da caça, o outro do caçador.

O problema é que só um deles morre quando é dia do outro.

V. Se Maomé não vai à montanha, a montanha vai a Maomé.

E saiam todos da frente, que lá vem ela, sem freio ou retrovisor!

IV. Nada como um dia depois do outro.

E assim a fome mata milhares de pessoas em todo o mundo a cada dia.

III. Quem com ferro fere, com ferro será ferido.

Então se o tal ferro der prazer... que se ferrem a moral e os bons costumes!

II. Diga-me com quem andas, que te direi quem és.

Como se a opinião de quem está fora da minha tribo servisse pra algo... te enxerga, mané!

I. Filho de peixe, peixinho é.

Ou peixinha, lagosta, ostra, camarão... e viva a autodeterminação!

11. Tesão

Tesão é uma força da natureza tão intensa, incontrolável e instintiva, que nem sequer no dicionário encontra uma forma diminutiva.

12. Fila

A fila é uma coisa estranha.

Todos os seus “ocupantes” têm o mesmo objetivo – chegar lá na frente –, mas não se identificam em absolutamente mais nada.

Nos irritamos quando alguém perto do fim (da fila, que fique claro!) se distrai e não avança um ou dois passos para ocupar o lugar deixado por quem o antecedeu.

Ficamos desconfiados quando um ou outro “puxa papo” (só pode ser golpe!)

Ou, na melhor das hipóteses, um esperto querendo vender algo ou convidar para o culto de sua igreja.

Não entendemos por que a maldita bateria do celular ou a droga do sinal da operadora sempre nos deixam na mão enquanto a fila não se mexe, parecendo terem morrido... tanto o celular, quanto a fila.

Quem adivinhar a relação de causa e efeito ganha meu apoio na candidatura ao prêmio Nobel!

E tem mais... muito mais... ops!... desculpa...
fico por aqui, pois a fila andou e acabam de me
chamar no caixa.

Boa fila pra você... ao menos dentro do possível... até a próxima!

Nem responde... mal-humorado.

Juro que não entendo essa gente.

13. Gota

Quantas gotas formam um oceano?

Quantas são necessárias para criar um lago?

E uma piscina?

Ninguém sabe.

Qualquer um pode arriscar um palpite.

Jamais descobriremos quem acertou ou errou.

Nem ao menos se chegou perto.

Mas para fazer um copo cheio transbordar, um mísero copinho, basta uma única gota.

Não tem erro.

A derradeira.

A incompreendida.

“A gota d’água”.

14. Crespo do mundo

Linha reta. Traço perfeito.

Praticamente uma régua.

Lisa e contínua.

Cabelo “escorrido”.

A própria perfeição.

Se tudo fosse assim...

Mas não é. BASTA!

Abaixo a assepsia do regular, do previsível, do monótono!

A história não é linear, mas helicoidal.

A genialidade não é simétrica, mas aleijadinha, crespa, de pernas e até ideias tortas.

O próprio amor não respeita formas, roteiros ou prisões.

Deus!!!! Mesmo Ele, O Criador, não se conforma com um só nome, rosto ou casa. Há quem ao Grande Artífice do Universo se refira, inclusive, na forma feminina, Deusa.

Então, caros amigos, chega de chapinhas, caixinhas e gaiolinhas!

Sejamos nós mesmos e, principalmente, aceitemos que os outros também o sejam: autênticos, reais e encaracolados, como, de fato, nascemos para ser, não mais no diminutivo do previsível e na artificialidade do linear.

15. Estação

Cansado de esperar pelo trem, largou a bagagem no chão e trilhou seu próprio caminho.

16. Oportunidade

Deixar o cavalo passar encilhado jamais foi o verdadeiro problema.

A questão é não saber por que nunca o montar.

17. Palavra

Adoro livros.

Amo ler.

O motivo?

Simples: a palavra.

Tenho loucura por ela.

Meu caso não se resume a uma, alcança todas.

Paixão, mesmo.

Nenhuma é errada ou imprópria em si.

Pura calúnia dos maus leitores e dos péssimos falantes da língua.

Questão de conveniência e oportunidade.

A mesma palavra que conforta, humilha.

A que elogia, irrita.

A que excita, horroriza.

Depende de quem, para quem e quando é dita, escrita ou lida.

A responsabilidade nunca pode ser atribuída a ela.

É meio, nunca fim.

A culpa por qualquer estrago sempre será de quem a usar e abusar sem aceitá-la, entendê-la e respeitá-la.

Jamais esqueçamos disso.

18. Nova política

Por menos gozos solitários e por mais orgasmos solidários.

Por menos mensagens SMS e por mais comunicação corpo a corpo.

Por menos suspiros pelos cantos e por mais respiração boca a boca em qualquer canto.

Por menos pudores e por mais entregas.

Por menos verborragia e por mais sexo oral.

Eis, caros eleitores, as diretrizes gerais do novo partido do nosso país, o Partido do Livre Ser.

Basta se permitir e não interferir na permissão alheia.

E depois? Relaxem e curtam... até gozar, e gozar, e gozar...

19. Paradoxo

Sonho impossível é um paradoxo.

Se sonho, possível, acordado ou dormindo, mas em estado latente.

Se impossível, não deixa de existir no mundo particular de alguém, só não acontece para o resto dos mundos.

De uma forma ou de outra, não deixemos de sonhar, nem de provar que o impossível só se mantém assim até alguém crer no contrário e fazer as coisas acontecerem.

20. Meteorologia do ser

Chove aqui dentro.

Lá fora, temporal.

E agora, o que será?

Só o tempo poderá responder: em raios tímidos de sol ou por escandalosos flashes de tempestade.

Até lá, mais uma dose, por favor!

21. Entradas e saídas

Resolver, resolução, revolução.

Solucionar, solução, salvação.

Sanar, resposta, ruptura.

Querer, necessidade, utopia.

Input or output?

22. Fugaz

Antes que pudesse terminar a frase, o pensamento lhe fugira à mente.

Não surpreso, pois presenciou, há pouco, a própria realidade deixá-lo para trás.

Não foi a primeira vez, tampouco seria a última.

Para alguns, não passava de um lapso ou acaso.
Para mim, apenas a síntese da vida, com suas
idas e vindas, e desencontros sem fim.

23. Viagem

Dispensio mapas e bússolas para viajar pelo teu
corpo.

Prefiro me guiar pelo olfato, tato e gustação,
não temendo me perder.

Não há caminho errado, apenas uma deliciosa
marcha, em ritmos variados, orientada por sus-
piros, gemidos e entrega.

Perdido já estou.

Busco, agora, me encontrar.

Duvido haver território e companhia melhores
para tamanho desafio!

24. Mea-culpa

Confesso. Não nego. Assumo. Foi tudo ideia minha. Fiz sozinho. Não pensei que poderia dar errado. Escolhi a primeira que vi. Tava “doidão”, ligado. Nem lembro o que usei. Acho que ela reagiu. Fiquei nervoso, irritado. Deu nisso.

Onde assino, aqui embaixo?

Posso perguntar mais uma coisa, caso alguém queira saber?

O que foi que eu fiz de verdade?

25. Antipoesia

Se fumar é uma forma disfarçada de suspirar, segundo Mário Quintana, escrever poderia ser um jeito asséptico de vomitar?

Escrever e reler, de preferência sem publicar, não deixa de ser um tipo de bulimia.

E evitar as palavras, faladas ou escritas, por não suportar a simples ideia de entrar em contato com seus significados? Anorexia típica.

O que dizer do excesso de candura, caramelizada, em calda, em elevado teor calórico? Uma fofura padrão “leite moça” com as letras? Diabetes, com certeza.

E a alternância entre visões irônico-sarcásticas com outras, pessimistas, apocalípticas e amorosas? Alguns arriscariam ser a cara de transtorno bipolar.

Óbvio demais. Erraram.

Nada além dos velhos homens humanos, cantados por Caetano. De carne e osso. Ou pelo menos, o que restou deles.

26. Lições de minha vó

Andando pela rua, desviei de um pensamento, para não cair em tentação

Não adiantou.

Acabei esbarrando em uma lembrança que vinha na contramão e que me remeteu a um tempo em que tudo eram flores.

Fui olhando, reconhecendo, estranhando e saindo pela tangente.

Me dei conta de que “recordar é viver”, mas apenas para quem foge do presente, da dádiva do aqui e agora, temente ao devir.

Minha avó, de saudosa memória, dizia inexistir a flor da idade, pois cada idade teria a sua própria flor.

Sabia demais.

Façamos como ela, que as vésperas de completar 90 primaveras, ciente do cumprimento de sua missão, sem mais nem menos, seguiu adiante, indo filosofar em novas plagas, para outros ouvintes, jamais tentando hierarquizar o que já foi, o que está sendo e o que virá.

Como ela, encaremos cada tempo como ele é: único.

27. “Navegar é preciso, viver não é preciso!”

Sejam palavras do General Pompeu, em 70 a.C., ou do Poeta Fernando Pessoa, na virada do século XIX para o XX, nem Nostradamus em suas profecias poderia prever tamanha atualidade em pleno século XXI.... até parece slogan de provedor de internet “banda larga” ...

28. Amor

Não existe O amor, mas amores.

Amor de mãe, de irmão, de filho, de amigo, de namorado...

De todos eles, o único que jamais pode ficar sem ser correspondido, por ser a fonte de todos os demais, é o amor-próprio.

Ou seria melhor chamá-lo de próprio amor?

29. Horizonte

O mar hipnotiza, encanta, enfeitiça.

Olhos no azul, pés na areia e alma na maresia.

Sol forte e leve brisa como acompanhamentos.

Difícil não se afogar em pensamentos ou não queimar em recordações.

O destino parece à deriva... mas quem se importa diante do mar?

30. Livro do ano

Rumores andam sacudindo o mercado editorial e as revistas semanais.

Fala-se em uma continuação inesperada do best-seller “comer, rezar e amar”, sucesso também nas telas, estrelado por ninguém menos do que Julia Roberts.

O livro promete ser um estouro, totalmente vanguarda.

Terá formato de bolso, em papel-jornal, menos de 50 páginas, algumas das quais ilustradas, e contará com resumos explicativos ao final de cada capítulo.

Custará R\$ 1,99, e o valor da venda servirá apenas para custear os exemplares.

Será oferecido em pontos de ônibus, praças públicas e locais abertos com grande circulação.

Há rumos do título provisório: “ler, escrever e relacionar”.

Por conta das crises econômica e civilizatória, defende a autora: “não é pra qualquer um, hoje em dia, cruzar o mundo atrás de alguém que está bem aqui, ao toque da mão, você mesmo! O que me fez rever alguns dos conceitos da primeira obra”.

A ideia central do livro é desafiar as pessoas a uma quebra de paradigma em suas rotinas e, o

mais impressionante, a custo (monetário, registre-se) zero.

Para isso, os interessados devem:

I. LER: livros, a si mesmos e aos outros, no lugar de posts e tweet

II. ESCREVER: sentimentos, reflexões, algo verdadeiro e autoral, guardando-o para si, ao invés de curtir e replicar escritos alheios e

III. RELACIONAR: consigo e com pessoas de verdade, de modo aberto, honesto e sem preconceitos, em substituição aos perfis do Facebook e de redes sociais do gênero.

Quem tiver paciência, poderá esperar até os primeiros dias do mês que vem.

Mas aos que não dispõem de tamanha virtude, alguns sites já disponibilizam cópias “não licenciadas” em inglês e espanhol, em formato e-book, pela bagatela de R\$ 9,99.

31. Paradoxos

Coisificam-se os seres e humanizam-se as coisas.

“Carentes” morrem de fome e “abastados” padecem por apetite nunca saciado. Enquanto isso, excedentes de alimentos (leia-se aqueles que o dinheiro não comprou, por estar em mãos erradas) apodrecem todos os dias.

A mesma tecnologia que reduz distâncias físicas, cria abismos emocionais.

Camponeses abandonam o meio rural, rumando para as grandes cidades atrás de “uma vida melhor”, mesmo objetivo alegado pelos urbanoides que aportam em alguns finais de semana por ano em minifúndios sitiados.

Haverá cura?

Quem saberá?

A resposta depende da identificação do que estamos falando.

De desequilíbrio, patologia, distúrbio ou de novos estilos de vida em assimilação pela sociedade?

Façam suas apostas.

32. Clichê

Mesmo quem detesta clichês ainda não descobriu como fugir do maior de todos: a morte.

O jeito, então, é se pôr, com ares de intelectual, a elucubrar sobre o que viria depois.

Os caras não se dão por vencidos.

33. Teias, redes e WWW

Teias parecem frágeis, leves, quase invisíveis ao olhar. Ilusão para inspirar a confiança de suas presas, sejam milenares obras de aracnídeos ou recentes algoritmos de homo sapiens.

E as redes? Confeccionadas, manualmente, des-

de os primórdios, para captura ou descanso, viraram sinônimo, quando virtualizadas de “convivência”. Mas não se deixem enganar: andam cada vez mais enredadas e, por contraditório que possa parecer, menos sociais.

Não há saída, nem entrada. As teias e as redes estão em todos os lugares, inclusive não-lugares, granjeando cada vez mais terreno nas mentes negligentes com sua função principal.

Curto e compartilho, logo existo.

34. Caracóis ao vento

No vai e vem do balanço, a menina de tranças, radiante, narra sonhos ao pai. Uma mistura de imaginação, vento e alegria.

O riso franco logo some. Em seu lugar, nuvens de queixas. Havia outras meninas também querendo sonhar no quintal.

35. Engano de Narciso

Narciso estava distraído demais para poder contemplar a mais valiosa das belezas: a que mora na diferença do outro.

36. Olhos nos olhos

Teus olhos são os únicos espelhos nos quais consigo me enxergar.

Ou seriam eles que se veem no reflexo dos meus?

37. Ecos noturnos

No silêncio da madrugada, ecoam pensamentos.

Cada um rumo a seu infinito particular.

Reverberam sem qualquer intenção de se fazerem entender.

Quão despreziosos se tornam na calada da noite. Mas o sol há de raiar, para desespero de todos eles.

38. Viver exige

No picadeiro da vida real, não há rede de proteção, mesmo para quem tem vertigens ao imaginar o quão longe está do chão.

Faltam cuidadores, educadores, amores. Tudo muito simples. Quase primário. Minimalista.

Inexiste tempo para titubeio, hesitação, tergiversação. Tudo ao vivo, sem cortes, aqui e agora. Nelson Rodrigues.

É arriscada, perigosa, extrema. Eis a sua graça.

Mas, cuidado!

Ao se tentar viver, pode-se até morrer. Mas ao deixar-se de tentar, resta uma existência artificial, mantida por aparelhos, entre selfies e likes.

Mas a carência verdadeira, violenta, ofensiva e desrespeitosa até se apresenta sob a forma alienada e alienante da falta de empatia, em que a primeira pessoa do singular se torna a única a conjugar e a subjugar. As demais, viram meros objetos, diretos ou indiretos.

39. Pressão

A pressão era tanta, e de todos os lados, que não restou sequer uma brecha por onde estourar...

40. Pequeno glossário

Amor: o Olimpo dos sentimentos. Tão precioso, mutável e desejável, quanto democrático. Não faz distinção de idade, origem, gênero, etnia, orientação sexual ou mesmo política. Ao contrário da internet banda larga, é ilimitado por natureza e está sempre na moda. Mesmo assim, muitos passam a vida em sua busca, sem

encontrá-lo, podendo figurar em atestados de óbito como causa mortis.

Ciúmes: patologia de origem desconhecida que afeta o sistema nervoso central. Costuma manifestar-se em todos os horários do dia ao longo das quatro estações do ano. Tem por principais sintomas a agressividade, o egoísmo e o narcisismo, típicos da maturidade da primeira infância. Os sujeitos acometidos de crises deste mal costumam se relacionar com os outros por meio de chantagens, jogos e mecanismos igualmente ridículos. É o principal motivo de rompimentos afetivo-sexuais.

Crise: momento que antecede o popular “chutar o pau da barraca”, sendo marcado por desalento, tensão e cansaço. Para alguns, uma oportunidade de reflexão e mudança; para outros, o fim da linha.

DR: abreviatura de “discutir o relacionamento”. Contrariamente ao que o nome dá a entender em um primeiro momento, não exige debate ou diálogo entre os partícipes, tampouco análise da

relação, a qual, via de regra, já se encontra em avançado estado de decomposição. Trata-se, na realidade, de uma espécie de “extrema-unção” da vida a dois, sempre que um deles ou ambos apresentam dificuldades em aceitar a mensagem de game over. Algumas correntes também o chamam de karma.

Orgasmo: a Terra Prometida do sexo. Para os homens, momento que coincide com a ejaculação. Para as mulheres, a utopia, o devir ou o nirvana. Muitas acreditam ser fruto da imaginação de editores de revistas semanais, como Cláudia e Cosmopolitan, enquanto outras tem certeza de que as primeiras pensam assim por ainda não terem encontrado alguém decente para “foder” (palavra utilizada popularmente para definir uma cópula intensa, multifacetada em posições, comumente acompanhada de felações das mais variadas ordens).

Paixão: a hipérbole da hipérbole em matéria de sentimentos. Considerada uma forma de amor,

também tida como uma de suas modalidades, porém sintetizada. Trata-se de um tipo de surto de efeitos intensos e de duração variável, normalmente curta. Acarreta um rejuvenescimento visível em quem dela é acometido, independente da idade, passando a se portar com 15, 20 ou 30 anos a menos do esperado para a correspondente idade cronológica. Alguns estudos comprovam causar dependência. Não possui cura, tampouco vacina de eficácia comprovada.

Querido: no feminino, querida. Tratamento dispensado a quem muito se estima, podendo, sob a forma irônica, significar exatamente o contrário. Na escrita, o segundo sentido costuma ser grafado entre aspas. Já na fala, deve-se observar oscilações de voz de quem o pronuncia, por vezes muito sutis. As circunstâncias em que se insere e o histórico dos envolvidos também são fatores relevantes na atribuição de sentido. Deve-se ter muito cuidado ao empregar o vocábulo, pois frequentemente é associado a gatilhos de “DRs” e outras situações indesejadas.

Tempo: forma reduzida da expressão “dar um tempo”. Eufemismo para “já vai tarde”, utilizado quando um dos integrantes de algo que um dia foi considerado um enlace afetivo não possui mais energia para tornar claro seu desinteresse pelo outro.

Tesão: força da natureza, incontrolável, com indescritível poder de destruição. Muitas vezes é confundido com volúpia, desejo e atração, sendo muito superior a todos juntos. Causa estragos sem comparação, como riscos colaterais facilmente remediáveis.

41. Sartre, o inferno e os outros

Será, mesmo, que “o inferno são os outros”, como vaticinou Sartre “entre quatro paredes”, ou o problema é o arrependimento sentido pela má escolha das companhias?

E se o nó da questão não estiver nos sujeitos, mas no lugar, que tanto pode servir de alcova como de claustro?

Difícil saber. Na dúvida, pensemos bem antes de nos relacionarmos, pois, o mesmo outro que acolhe, pode atormentar, assim como o leito de agora talvez se torne *tripalium*, logo adiante. A sutileza da diferença repousa nas escolhas e nas mudanças trazidas pelo tempo.

42. Gritos do silêncio

Quão ensurdecador pode ser o silêncio?

Para uns, ecos abissais; para o mundo, mudez incompreendida.

O sopro dos ventos abala no mesmo tom do calar das gentes.

O olhar contemplativo segue sendo a melhor forma de chamar a atenção de que algo está fora do lugar: sejam os discursos que não dizem nada ou o sujeito cansado por não se fazer ouvir.

43. Contágio

Que falta tu me faz.

Só de pensar, me foge o ar.

Perco o chão.

O mais estranho?

Me considerar imune.

Putá engano.

Nunca passei de um contaminado pelo querer.

44. Exibicionismo de outrora

Se “o tarado do sobretudo” resolvesse aparecer hoje em dia em algum espaço público para mostrar suas partes pudendas a alguma passante incauta, ao invés de causar horror e provocar gritos de pânico, sou capaz de apostar que receberia convites para tirar uma *selfie* e ser amigo no *Face*.

Essa Pós-Modernidade não respeita nem mesmo os fetiches!

45. Surpresas da noite

À noite, sentem-se odores imperceptíveis à luz do dia.

Sons, vultos e outras expressões da vida deixam seus esconderijos para vagar entre as sombras.

Engano pueril crer serem todos os gatos pardos na penumbra. Nem ao menos há indícios da condição de felinos de várias criaturas.

A visão humana, exausta pelos abusos que sofre no curso da vida, ganha outro sentido a partir do pôr do sol e das brisas sopradas no “não-dia”. É rendida por outros sentidos, figurados, renegados, menosprezados e passa a ser encarada como mais um dos sentidos da alma.

46. Desafios

Não há nascimento sem morte, nem crescimento sem dor.

Viver é escolha entre o que fortalece, agride e aquece.

Opções que se alternam reiteradas e sucessivas vezes sem que nos acostumemos um dia sequer.

Mário Quintana escreveu que enquanto a maior parte da humanidade se preocupava com o “sono eterno”, ele temia, mesmo, a “insônia eterna”.

Sábua observação.

Optar entre o risco de viver e a segurança de existir, eis nosso dilema vital. Ou seria mortal?

47. Esconde-esconde

De tanto se esconder dos outros, acabou esquecendo que brincava, não encontrou mais o esconderijo e se perdeu de si.

48. Por favor

Roube meu ar,
embaralhe meus planos,
esfarele meu chão.

Derrube meu céu,
resseque minha boca,
tonteie minha mente.

Arrase meu ego,
atrase meu dia,
esfrie meu café.

Mas, por favor, nem tente me curar da embriaguez de te querer.

49. Ode ao amor condicionado

Maldito seja todo “amor condicionado”!

Se amor, basta em si; se condicionado, pode ser qualquer coisa, menos amor.

Amar não tolera SE. Ama ou não, sem meio termo ou ponderação.

Hipócritas, puristas, desalmados!

Não passam disso.

Se arvoram em bastiões da moral e dos bons costumes, mas não são mais do que fantoches infames.

Cedo ou tarde cairão, pois não há nada que os sustente.

E quando isso acontecer, seguirei meu caminho, sem olhar para trás ou lamentar.

Sei quem sou e quem amo, sem qualquer condicionante, apenas amo.

50. Movimento

Norte magnético ou sul geográfico?

De pernas pro ar ou de ponta-cabeça?

Loucura ou excentricidade?

Segunda metade ou começo do fim?

Padrão incompreendido ou caos?

Nada é, tudo está.

Vários nomes, mesmos objetos.

Diferem pela perspectiva do observador, cujo olhar insiste em não aceitar a mudança.

Apego a conceitos.

Perda de tempo.

Vida é eterna mutação.

51. Resignificar

Tudo muda o tempo inteiro.

Partículas, células, estruturas.

Do nano ao giga, nada escapa dessa verdade universal.

É a síntese da vida.

Ainda assim, fingimos que mesmo em uma realidade fluida, mutável, em constante movimento, os signos que a representam permanecem inalterados, estagnados e estáveis.

Comodismo, pobreza ou incapacidade.

Basta!

É chegada a hora de ampliar, expandir, resignificar.

52. Ausência

Anda tão ausente nos últimos tempos que nem arrisca dizer a última vez que cruzou consigo mesmo.

53. Poderes

Um mar de possibilidades se abre, embora alguns acreditem não saber nadar.

O céu infinito, matizado por nuvens, sempre à espera, sem ao menos se reconhecer alado.

E assim funciona a vida para todos. Uns a observam, outros dela se queixam e poucos, raras exceções, se dispõem a vivê-la.

54. Sustão

Levou um susto tão grande que temeu ter caído na real...

55. Estações

Frio, chuva, vendaval, desalento.

Relâmpagos, trovões, enxurradas, caos.

Não importa quanto dure ou quão destruidoras sejam suas pegadas. Depois de todo inverno vem a primavera. Sempre. Questão de paciência.

56. *Libertas quae sera tamen*

Nunca é tarde demais para libertar.

Afinal, liberdade é ganho, esperança, futuro.

Na contramão, lamento representa perda, desalento, passado.

Um não combina com o outro, salvo nos gastos dizeres da bandeira.

Quem liberta, assim como quem é liberto, voa, desapega, renasce.

Ambos ganham com a quebra dos grilhões: soltam e são soltos.

Libertas, liberte-se, libertemos!

Não há liberdade verdadeira se solitária!

A prisão de um atinge a todos, de um modo ou de outro.

Eis a dimensão de qualquer cárcere.

57. A pedra

Numa esquina da vida, uma voz rouca me desviou do rumo.

Olhos fundos, pele cozida, transpirava à cachaça.

Em uma fração de segundos, voltei ao tempo em que aquele ser, hoje esqualido e desbotado, foi dourado como o sol e flanava descalço pela rua.

Aos gritos, me implorava: *toca pra mim! Passa logo essa bola!*

Pisquei. A realidade voltou a me violentar. Antes de me agradecer pelo “trocado”, pediu um abraço.

Sentindo-se acolhido, confessou ter “errado pra valer”.

Ao se despedir, quis saber se eu o julgaria.

A família? Uns morreram, outros foram embora e “largaram de mão”. A pedra é foda, disse, com dor.

Parado, sem conseguir me afastar, lembrei Drummond: “No meio do caminho tinha uma pedra...”

58. Equilíbrio

Tal qual a utopia, o equilíbrio não é um destino.

Quando muito, um sentido, em muitos.

59. Para que nadar?

Náufrago de si mesmo, à deriva em pensamentos, ansiava por terra, firme ou nem tanto.

Ideia fixa: ancorar sua vida.

Como um raio em meio à tormenta, percebeu nadar em vão, contra a correnteza.

Jamais a venceu.

Jamais a venceria.

E nem havia porquê.

Se Frida Kahlo não precisava de pernas, ele dispensava braços.

Tanto ela, quanto ele, podiam voar: ambos tinham asas!

Todos têm!

60. Ditos impopulares

Doa a quem doer... ainda que em nós mesmos?

Quem com ferro ferre... não aprende com os próprios erros e ainda serve de álibi para brutalidades alheias.

Filho de peixe... deve ser livre para escolher ser o que quiser.

A fruta nunca cai longe do pé... o que não a impede de rolar pelo mundo.

Sangue não é água... pois o livre derramamento dela é considerado desperdício.

61. Haja

Haja o que houver, não se omita, nem titubeie: simplesmente, aja!

62. Vento

O vento sussurra falsas verdades, efêmeras e sutis como só ele.

Por quê? Para quem? Até quando?

Não responde.

Se vai, sem disfarçar o desinteresse, assobiando ao léu.

63. Ência

Tudo o que desvanece é ilusório, aparência.

O que realmente é, permanece, essência.

Já o que não presta, se expele, excrescência.

Incerto, confuso, devaneio, demência.

Verdadeiro, honesto, “doa a quem doer”, decência.

64. Uns e outros

Enquanto uns querem e outros podem, a maioria apenas sobrevive.

65. De era em era

De espera em espera um se desespera, outro se exaspera e tudo o que poderia ser já era.

66. Escolhas difíceis

Eram tantas as possibilidades que parecia impossível escolher por onde começar naquele espaço infinito de um parquinho de uma manhã cinzenta no meio da semana.

67. Clima

Tempo instável, com temperaturas amenas e zonas de instabilidade. Grandes chances de precipitação, mas com pouco calor.

Enquanto isso, lá fora, os primeiros sinais da primavera despontam.

68. Máximas

Quando 2 já não formam 1, a saída é fracionar, com dores e dízimas periódicas.

Pisar em ovos nunca foi solução. Apenas anuncia a morte da galinha.

De tanto bater a cabeça, perdeu a memória, a paciência e boa parte da própria identidade.

69. *Pockets*

Amo livros de bolso, pelo formato, mesmo.

Além de fáceis de segurar, por horas e horas, têm, ainda, o dom de reduzir a um palmo qualquer expectativa sobre seus autores, por mais grandiosos que possam ter sido um dia.

70. Palavra

Tire meu fôlego, destrua meus sonhos, arrase minha alma... só não me prive da palavra.

71. Melancólico

Melancólico como um entardecer de domingo...

... um olhar ao mar em pleno inverno...

... uma baforada quente na madrugada a pé...

... à espera de um amanhã que sabe jamais chegar?

72. Sentença

Te sentes.

Me sinto.

Sentimos.

Que sigamos sentindo o sentido de tanto sentir... sem tirar, nem por.

73. Superfície

Era tão raso e superficial que nunca entendeu o que queria dizer “mergulhar nas profundezas do próprio ser”.

Seria um disfarce ao medo, para evitar o confronto com a pobreza da realidade ou a expressão da certeza de que nada havia a desvendar?

Para que perder tempo com sofismas? Seja lá o que isso signifique...

Atualiza o *status*, curte postagens e participa da maior quantidade de grupos que conseguir. Isso é o que importa!

Em suma: “viver é uma das coisas mais raras do mundo. A maioria das pessoas apenas existe.”
Oscar Wilde, falecido em 1900.

74. Asas da paixão

Ao dar asas a uma paixão...

... assume-se o rumo da imensidão...

... como um salto na escuridão...

... num ato de impensada precisão...

...cujo desfecho nada importa...

... se comparado a um segundo da mais plena
amplidão.

75. Tanto

Memórias, sentimentos, percepções. O universo de cada um.

Como pode o infinito caber dentro do peito?

76. Câmbio2

Toda troca é desigual, aí estando os ganhos; do contrário, apenas simulação e embuste.

77. Saltos no escuro

Olhou para dentro de si e chocou-se ao se deparar com um quase, porém interessante, desconhecido.

Faltava-lhe intimidade, não curiosidade.

Sem pestanejar, se lançou no maior mergulho de sua vida, em direção à própria essência.

Não havia mais volta, nem precisava. O que estava por vir valia qualquer risco.

78. Trocas e toques

Quantas vezes lhe fugiu o ar, fazendo sufocar?

Por tempos, acreditou ser efeito do roubo do espaço por tantas companhias, ainda que vazias.

Podia ser azar, mau agouro, karma.

Lei do retorno, ação e reação, efeito borboleta.

Uma sucessão de enganos.

O desconforto, na verdade, vinha de um único lugar: da falta de trocas e toques e do vácuo por ela deixado.

79. Suicídios

Suicidar-se é externar algo internamente consumado.

xxxxx

Ninguém se mata, apenas informa.

xxxxx

Ato extremo de pôr fim à própria vida: metáfo-

ra para atenuar, perante os que ficam, a autocondenação de alguém.

Subversão do óbvio. Ou, como muitos preferem, quebra da ordem natural das coisas.

Quem se sujeita aos desmandos do mundo em detrimento de si, mesmo que em prestações, renuncia à vida e acaba cometendo suicídio.

80. Crédito ou débito?

Em algum lugar, a vida passava mansa. Sem dúvidas ou questionamentos, seguia o fluxo. Evitava polêmicas. Tudo era questão de bom senso.

Um dia ou noite, tanto faz, um vulto se aproximou lentamente. Ao chegar mais perto, foi possível identificar o capuz e a foice.

Não esboçou reação. De nada adiantaria. Havia chegado sua hora, da qual ninguém escapa.

Sem largar o instrumento de corte ou interrom-

per a marcha em curso, a figura ergueu a mão aparentemente livre, na qual avistou algo pequeno, escuro e com pequenas luzes.

De um sussurro rouco, ouviu: “crédito ou débito?”

Antes de qualquer resposta, surgiram mais questionamentos: “à vista ou a prazo? Vai querer sua via?”

No *cash* ou parcelado, no boleto ou no cartão, por ação ou omissão... viver ou morrer é bem mais do que acompanhar a maré.

Da mesma forma, suicidar-se vai além de pôr um ponto final em uma triste história, um basta, pois também atenta contra a própria existência de quem aborda um enredo que sequer chegou ao “Era uma vez...”

“Se mata” não só quem pula da ponte ou aperta o gatilho, mas todos os que deixam de arriscar, de tentar e de gozar, seja por medo, preconceito ou comodidade, e preferem encenar um clichê.

Era o que tínhamos para hoje.

Não preciso de CPF na nota.

Muito obrigado.

Boas festas pra você também.

81. Sobras e faltas

Sobra gente. Falta espaço.

Sobra fala. Falta sentido.

Sobra forma. Falta conteúdo.

Sobra convicção. Falta fundamento.

“Ó mundo tão desigual, tudo é tão desigual, ô
ô ô ô ô.

De um lado este carnaval, do outro a fome total,
ô.”

Novidade, Gil?

82. Tramas (ou redes) sociais

1º ato: Agregar. Aproximar. Agradar.

2º ato: Debater. Rebater. Ofender.

3º ato: Redarguir. Inquirir. Perquirir.

Coro: PERSONALIZAR. FUNALIZAR.
POLARIZAR.

Público: Hein? Do que vocês estão falando, mesmo?

83. Gramática do hoje

Qual...

O antônimo de intenso?

O sinônimo de letárgico?

O superlativo de ridículo?

O coletivo de acrítico?

O radical de medíocre?
O gerúndio de replicar?
O particípio de entediar?
Eis o quadro atual.

84. Moldes

Morno, fresco.
Nem quente, nem frio.
Quase lá.
Passou um pouco.
Mas pode ser assim.
Tanto faz, desde que não congele ou queime.
Nada de extremos.
Nunca fez?
Sem problemas.

Copia e cola.

Todo mundo faz assim mesmo.

Segue o modelo.

Não tem?

Procura no *Google* ou no *YouTube*.

Fica tranquilo.

Não há nada que não tenha lá!

85. Acaso

Acaso é como chamamos a lógica que transcende nossa compreensão sobre causas e efeitos.

86. Morte do amor táctil

Poucas coisas podem ser consideradas tão eternas como um livro.

Não me refiro ao texto em si, obra do autor, mas à materialização em cada exemplar.

Desde a capa até a lombada, a unidade física de qualquer título conta uma história própria.

Pode ter sido objeto de desejo, instrumento de uso ou simples peça de decoração.

Por onde terá passado?

De onde vieram suas marcas?

Terá presenciado alegrias ou tristezas?

Por que parou em um sebo ou foi largado no meio da rua?

Alguns deixam pistas; outros, apenas desaparecem.

Os livros resistem há séculos a toda espécie de mudança, de climáticas a culturais, podendo se tornar, na luta contra a extinção, mais *cleans*, menos profundos e até mesmo virtuais.

Mas o que jamais se imaginou foi a derrocada do “amor táctil”, cantado por Caetano, e sua

substituição por uma ou outra escapada casual, na melhor das hipóteses.

Loucura? Até pode ser, mas jamais mentira.

As editoras de obras “didáticas”, chamando “apostilas” de livros, pois nem de perto um se parece com o outro, não se contentam em impô-las, em conluio com as escolas, aos pais, sem direito de resistência ou alternativa, ano após ano.

Fazem questão de impedir sua transmissão, por escambo ou doação, aos alunos das séries seguintes.

Anunciam, antes mesmo do tempo, que nos próximos meses ocorrerão “mudanças no conteúdo”, já publicando, portanto, matéria desatualizada.

Ai, ai, ai, como dói.

Em uma Pós-Modernidade líquida, onde pouco escapa da rede mundial, o pseudo-livro físico, a peso de ouro comprado, sem ruborizar, admite ser item de uso único e imediato, portanto, descartável.

Contraria as próprias lições, de que para salvar o planeta, devemos reaproveitar, reutilizar e reciclar, ao feitio do “faça o que eu digo, não faça o que eu faço”.

A única diferença é que para se aprender esta lição não se precisa de escola, tampouco de apostilas, apenas de uma dose não muito grande de senso crítico.

87. Mais Manoel

Arvoreceu com o canto dos pássaros, orvalhado da esperança da madrugada.

Nascente ou poente, o sol é sempre mais do que se consegue lembrar.

No silêncio da noite, os sapos se animam e se deixam ver melhor.

Ensolarar-se em bom dia à vida.

88. Beleza

Ao se deparar com a beleza, sentiu como se o resto do mundo parasse. Nada até então ou dali em diante parecia lhe importar.

De tão perfeita, ofendia a realidade e tudo mais ao seu redor.

Eis a eternidade. Eis o fim de toda a paz.

89. Para quê?

Existirá vida depois da morte?

... e fora da essência?

... e contra si mesmo?

... e além das aparências?

... e no piloto-automático?

... e sem fazer tantas perguntas?

... e fingindo não ter tempo para pensar nas respostas?

... e sabendo as respostas e seguir como se não as soubesse?

Ok, mas para quê?

90. Harmonia

Ouçã, mas não fale.

Aceite, mas não proponha.

Sorria, mas não faça graça.

Sujeite-se, mas não vá além de um reles objeto.

O amor... nada como ele para deixar o mundo mais colorido!

91. Inexplicável

Tentar explicar o inexplicável é abrir mão de

vivê-lo para convencer o resto do mundo sobre algo que só nós dois sabemos possível.

92. Certo e errado

Quantas vezes o silêncio comunica o que não cabe em palavras?

E as palavras vulgarmente soltas externam algo honesto sobre o mundo?

Mais difícil do que decidir entre o certo e o errado é reconhecer que nem um, nem outro, de fato existem.

Ao menos não em estado puro ou em um mundo minimamente adulto.

93. Pois

Há quem chegue sem avisar e quem avise sem jamais chegar.

Alguns fazem estardalhaço sem deixar nada no lugar. Damos graças quando se vão.

Outros silenciam, olham, marcam. São difíceis de ler e de esquecer. Reais? Sonho? Um presente, talvez?

Olho no olho, sem afronta ou desafio, com afinidade e surpresa, pelo tempo que for, valeu. Sempre valerá encontrar, viver e se deixar surpreender.

Tão simples, quanto inacreditável.

94. Pensamentos

Pensamento quando flui traz ideias.

O que se emaranha, mal-estar.

Quando para, mata.

Se engrena, nem cabe na cabeça, imagina no papel!

Essas linhazinhas, então, caíram em gotas, uma depois da outra, pim, pim, pim, ritmadas e indolores.

E aí?

95. Guimarães Rosa

Ponto fora da curva. Mediocre. Abaixo da crítica.

Cada um sabe a parte que lhe cabe no tabuleiro, digam o que disserem.

Afinal, pãos ou pães, questão de opiniões, já escreveu Guimarães Rosa.

96. *Instagram*

Não importa o quanto se enfeite a janela, se zele pelos metais e se customize as cortinas.

Uma vista desinteressante, ao implorar atenção, apenas atesta o que sempre se soube: não há limites para a mediocridade e falta de brilho próprio.

“Louro quer biscoito! Curupaco!”

97. Trilhando

– Pula corda, menina, pula...

1, 2, 3... quase 20!

– Mais devagar, pai!

Enquanto os olhares de cumplicidade se cruzam, entre sorrisos e realizações, pausas e pulos, só lhes importa seguir trilhando, sem a menor pressa, os quase elementares caminhos do amor.

98. 3, 2, 1...

Olho no olho.

Silêncio.

Tensão no ar.

Inertes à primeira vista, mas em inimaginável movimento.

Inspira. Expira. Sorri.

A distância se mostra a cada instante menor.

Quem se mover primeiro, perde... o controle, o juízo, a cabeça... jamais o jogo.

Esse está só começando.

99. Dores

A cada nova dor provocada pelo mundo, buscava a cura no único lugar possível, as profundezas do seu ser.

Que seu silêncio perturbe a alma de quem o mira, mas não abata.

Que seu olhar perpasse as formas de quem o subestima, sem sequer conhecê-lo.

Que seu ser seja, sem mais, nem porquê.

Afinal, águias e galinhas jamais serão iguais, ainda que tentem, sem trégua, nos confundir quanto a qual delas somos.

100. Melhor da festa

Quando o melhor da festa se resume ao silêncio, é bem provável que o evento tenha passado de comemoração a velório.

101. Fusão

O encaixe foi perfeito, não mais permitindo distinguir onde cada um começava ou acabava.

Fundiram-se por completo.

Estamparam-se reciprocamente.

Acabaram formando um complexo mosaico, sem figura ou fundo.

102. Descoberta

Muitas e muitas vezes me declarei aos quatro ventos um romântico inveterado, perdido em

uma paixão avassaladora, beirando a fixação, sem tratamento ou cura... pelos livros!

A escrita – interpretada, idealizada, vivida, compartilhada –, sempre ali, ao alcance dos olhos, das mãos e de todos os sentidos, disposta, exposta, querendo e sentindo-se querida. Uma cumplicidade ardente e inexplicável.

Qual não foi minha surpresa ao descobrir, de uma hora para outra, num piscar de olhos, sem mais nem porquê, que me enganei por anos a fio.

Não importa se houve intenção ou se foi feito sem perceber. É passado!

O fato é que minha devoção sempre foi em relação à PALAVRA, sendo o livro apenas uma de suas tantas moradas.

Lê-la é fantástico! Imaginá-la, lembrá-la, distorcê-la... ah! Quantas possibilidades...

Prosa, verso; letra, canção.

Rima rica, rima pobre.

Soneto ou *haikai*.

Atemporal. Imortal. Essencial.

Tão grande, tão plena, tão verdadeira, tão completa, tão...

Assim mesmo... nem cabe em si.

Simplesmente, sem palavras.

103. Partida

Quando se desiste de algo, por exaustão, contra a vontade própria, morre-se lentamente, aos poucos, aos pedaços.

Onde alguém jaz, outro pode brotar, transformado.

Permanece a dor da perda, da derrota e, especialmente, da despedida.

104. Palavras

A palavra conecta...

Conecta o sujeito com seus sentimentos, ideias, percepções.

Organiza, esquematiza, problematiza.

Conecta alguém com outro alguém, como ponte de duas vias.

Quem se aproxima, também franqueia a aproximação alheia.

Rompe silêncios, mesmo ruidosos.

Conecta o pensamento com o mundo, vencendo espaço e tempo.

Conquista autonomia, vida e sentido próprios.

Desprende-se da origem sem sequer olhar para trás.

Por isso, o enfraquecimento da relação “sujeito – palavra” é ameaçadora.

Nada contra “emojis” ou símbolos inominados, outras formas de expressão e de comunicação.

Têm seu papel, ajuda, ostentam valor.

A questão é outra.

Por muito tempo, buscou-se controlar e direcionar comportamentos, cerceando o livre pensar.

Para isso, proibiu-se o uso de determinadas palavras ou mesmo a abordagem de temas específicos.

Não conseguiram.

Prender, ferir, silenciar, não se mostrou suficiente.

Partiram para o “tudo ou nada”, silenciosamente, sub-repticiamente, arditosamente.

Arquitetaram a “solução final”, o genocídio, o extermínio do vernáculo.

Exilaram a palavra para longe do sujeito, condenando-a a um eterno degredo.

Cometeram, para ser mais preciso, o “palavricídio”.

105. Momentos

Foi. É. Será.

Memória. Realidade. Desejo.

Ali. Aqui. Lá.

Parece. Sem dúvida. Tomara.

Tempo. Tempo. Tempo.

Separados por um ponto, mas sobrepostos por infinitas retas.

Sombras e luzes perenes, unidas como irmãs siamesas.

Isolá-las? Impossível.

Entendê-las? Útil.

Administrá-las? Essencial.

106. Máximas que são mínimas

Equilíbrio é busca, jamais destino.

Desejo, estado de potência, realizável ou não...
muitas vezes sendo melhor deixá-lo onde está.

Quantas decepções são necessárias para formar
uma desilusão?

Tantas quanto estrelas para compor uma cons-
telação.

Filosofar para dizer foda-se ao mundo; poetizar
para sublimar a crueza da realidade.

107. Olhares

Quantos infinitos cabem dentro de um olhar?

Verbo e substantivo a um só tempo.

Possibilidades mil.

Armadilha que captura.

Afago que conforta.

Labirinto que confunde.

Rajada que congela.

Depois de cruzar com ele, não há mais paz...
tudo se resume a lembranças e suspiros.

108. Prazer em conhecer

O que faz alguém ter esse tamanho?

Ou aparentar tê-lo?

E sentir-se assim?

Falta de excesso ou excesso de falta?

Cheia até aqui ou vazia de fora a fora...

Difícil. Complexo. Multifacetado.

Por isso não entendo como ainda há quem consiga se referir aos outros como “indivíduo”... não só somos fracionáveis, como infinitos, com conteúdos sem fim e diferentes em um único frasco.

109. Passarão

Enquanto te temia andorinha, ignorava meu ser condor.

110. Mais estações

O que sucede o inverno da alma?

Haverá primavera que afugente as nuvens de uma existência gris?

Onde está o sol e sua força radiante que a tudo aquece e faz florescer, dentro ou fora de nós?

Caem folhas, caem ideias, só permanecem as raízes ressecadas, porém firmes.

Ah, o universo infinito, sempre brincando de nos lembrar o quanto é ridícula e insignificante a existência humana...

111. Inverdade

Amo verdadeiramente a mentira, não por “ser uma verdade que esqueceu de acontecer” (Mário Quintana), mas por seu desprendimento em enfrentar o que o mundo proclama como exclusivamente legítimo.

É libertária, utópica, natimorta.

Desafoga, inebria, permite.

Se poética, sonho.

Se romântica, galanteio.

Se minha própria, versão.

Mas se dos outros... aí, depende.

112. Mentir

Mentir é anestesiar a dor da realidade.

Para não magoar: empatia.

Para obter vantagem indevida: falsidade.

Para fazer rir: piada.

Para agradar: educação.

Verdade ou mentira?

113. Inferno astral

Sempre invejei quem acredita em astrologia.

Para elas e para eles, o inferno tem início, meio e fim, durando só 30 dias por ano.

114. Cego, surdo e mundo

Pela incompletude das palavras, encontrou no verso sua fala.

Rompeu com a surdo-mudez existencial pelos berros da escrita.

Mas o que fazer, diante da cegueira reinante?

A falta de tato, generalizada, inviabiliza, inclusive, recorrer ao braille...

115. Manoeldebarrices pra variar

Tão lento e espichado como o espreguiçar do sol nascente de primavera.

E lá no fundo, a passarinhada anunciava que só ela o raiar de um novo dia.

A gente ouve, sabe, mas nega. Puro charme.

Todo mundo sabe que a graça de sonhar começa pela certeza do despertar.

Fosse pra sempre, chamava fim!

E esse, por mais certo que seja, assim como levantar da cama cedinho, sempre pode esperar mais uns 5 minutinhos.

116. Lições

Aprendi com os pássaros que o voo exige o pouso, tanto quanto o pouso necessita do voo.

Ambos são meios de buscar o equilíbrio, cuidando para jamais alcançá-lo.

E o segredo está em desfrutar da busca, sem se deixar perder no encantamento do objeto.

117. Livros

Livros são um bate-papo com amigos que o tempo e o espaço nos privaram de encontrar, cara a cara, pela vida adentro.

118. Corte

Todo corte deixa marcas... só o machado não percebe.

119. Amarras

As amarras mais fortes não são notadas pelos olhos... ocupam o interior do ser.

Lá, as lágrimas são secas, nunca caem. Ficam suspensas num eterno presente, atrás de um meio sorriso.

Conjugam-se arrepender e pender, pender e arrepender, num vai e vem pendular, como um “tic-tac” de um velho relógio.

Não há saída, apenas entrada, e o “se” está em toda parte, como um colete “salva-vidas” no fundo do mar.

Tarde demais.

120. Antilógica

Em dias de chuva, as pessoas preferem usar seus carros PARA ganhar tempo.

Criam engarrafamentos.

Muitos se matam de trabalhar, descuidam da saúde, da família e dos prazeres PARA ter uma vida melhor.

Criam ilusões.

Há quem fique nas redes, no virtual, entre *selfies* e *posts* PARA causar.

Criam abismos.

Basta de “parar” e “criar”. Que tal trocar por “partir” e “ser”?

Chega dessa “antilógica”

121. Manoel

De tanto se sujeitar, acabou objeto, um deserto de si.

Em paradoxo, por dentro inundava de amores,
num plural de horizonte, quase sem fim.

E isso foi longe, pois hoje anoiteceu transpirando “manoel-de-barrices” pelos poros, sem pudor ou vergonha, meio sem querer.

Olhando ao redor, com os cinco sentidos, percebeu um mundo de esforços, em busca de um sentido que valha seguir.

122. Tanto faz

... no infinito de um abraço sem fim.

Talvez possamos esquecer o mundo...

... como o ápice do gozo.

Livre, pleno e inigualável...

... tal qual quem jamais conhecerá algo tão herege, quanto divino.

Tenhamos piedade e compaixão da humanidade...

123. Ser ou não ser

Há tempos a questão deixou de “ser ou não ser”, tornando-se “conectar ou desconectar”.

Mesmo assim, seguem como dúvidas: quais, quando e com quem?

Bons tempos aqueles...

124. Encontros

“A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro nesta vida” (Vinícius de Moraes).

Ontem, ao entardecer, essa máxima se confirmou, mais uma vez.

Ela deitada, quase inerte, presa a máquinas, ao leito e a um fio de vida.

Eu em pé, ao seu lado, tensão e ansiedade, conectado a memórias, desejos e sentimentos.

Seu corpo lutando para não morrer.

O meu, se segurando para não liquidificar.

Uma doente terminal na UTI e sua visita de 15 minutos.

Reconciliação.

Passado e presente.

Acerto de contas.

Despedida.

Quantas possibilidades, personagens, rótulos.

Mas a realidade, pura e simplória, é que ali estavam uma mãe convalescente e seu filho vindo de longe.

Amor, lágrimas e duas almas.

“Eu te amo” seguido de um “nunca vamos nos separar” e aquele ser pálido, desenganado e fraco se fez movimento, agito e choro.

Chegou a ouvi-la responder “eu também”.

Desejo, leitura de pensamento, pura imaginação.

Tanto faz, pois amor se sente, se compartilha, se vive, não se explica. Nem precisa. Isso vale para os bons momentos e, principalmente, para os maus.

125. *Arte est*

A arte imita a vida ou seria a vida que imita a arte?

“A arte existe porque a vida não basta”. (Ferreira Gullar)

Arte para ler, ouvir, assistir... inspirar, expirar,
transpirar.

Tudo e mais um infinito.

Arte é vida em vivência.

O resto é inveja, mediocridade... reles existência.

126. Sonhos e...

Não deixemos nossos sonhos voltarem a ser
abóboras.

127. Entropia

Expandiu-se tanto que deu a volta.

Acabou dentro de si.

128. Céu e chão

“Arranha-céu”... sei, faz-me rir. Quem inventou essa asneira de nome só podia estar cá em baixo, em meio aos passantes. Meia dezena de andares, uns sobre os outros e outros, e outros, até bem longe de se aproximar do infinito. Não chegam nem a 1% do charme das pirâmides! Elas, sim, uma obra de cair o queixo.

Deveria se chamar, quando muito, “estraga-vista” ou “tira-sol-do-vizinho” pelo mal que causam à paisagem e a quem gosta de saudar o amanhecer. Servem de resgate, meio inconsciente, em quem lá em cima se “empoleira”, um sonho de Ícaro ou, talvez, de Torre de Babel. Vai saber...

Afinal, nem cócegas chegam a arriscar “no alto de verdade”. Vistos pelas nuvens, pouca diferença tem de formiguinhas durante o expediente.

E como um dia desses qualquer observou um “pobre diabo”: “mais solitário que palmeira de

cobertura”. Encerrando o assunto, lançou um escarro firme no chão e espalhou com a sola da alpargata, se autoproclamando o legítimo “arranha-chão”.

129. Chuva

Cada gota que caía era um grito a mais escutado.

Não de dor, mas de puro e profundo prazer.

Orgasmos, múltiplos e sucessivos, talvez infinitos em duração.

Inacreditável e real.

Legítimo e marcante.

Como nós, mais do que atados.

130. Separação

Cada separação distancia alguém de um ponto,

encerrando, ao menos em tese, uma história. Porque há vezes em que os pontos emperram, gaguejam e, quase num soluço, se multiplicam. Viram reticências...

Mas voltando ao ponto final, ele acaba promovendo, ainda, o reencontro com um universo, senão novo, bem diferente do que se lembrava. Retoma uma história: o universo de si mesmo, que assim reinicia:

“– prazer em conhecer-me.

– igualmente.

– acho que vou me dar muito bem.

– tive essa exata impressão.”

131. Autenticidade

Quem vive de querer agradar o mundo, acaba se desagradando e, como por castigo, apenas existindo.

132. Figura e fundo

Ria por dentro quando se deparava com pessoas que, olhando para o céu, tentavam enxergar formas e seres nas nuvens.

Tolos. Todos eles. Como se enganavam desse jeito?

Era evidente que os desenhos tinham sido feitos sobre um fundo branco, com tinta azul. Como confundiam, assim, no mais, figura e fundo?

133. Doresssss

Há tanto a dor era sentida que já não a percebia como tal.

Acostumou-se. Adaptou-se. Amoldou-se.

Tudo para não tocar onde doía.

Gelo. Analgésico. Distração.

Mas nem perto da causa chegava.

Evitava chegar.

Olhou-se. Enxergou-se. Amou-se.

Foi um encontro de reencontro.

Não era o espelho que mirava, pois nele só conseguia ver dor e distorção.

Era alguém incrível, fantástico, humano.

Estava diante de seu duplo, de quem recebia tudo, inclusive puxões de orelha quando merecia, mas nem tanto.

Como enganar a si mesmo duas vezes, em dose dupla?

Já é tempo de crescer.

134. Causas

Perdidos são aqueles que não acreditam em causa alguma.

Tê-la é o maior achado, compreendida ou não pelo resto do mundo.

Assim, amigo Sancho, entenda de uma vez por todas: não existem causas perdidas, apenas as defendidas e as que acabam não sendo.

O que mais alguém precisa para bem viver, do que uma causa, certa dose de saúde e um amor sem medida?

135. Com texto

À leitura visceral, o que menos importa é o texto.

136. Cada uma que me aparece...

Brrrrrrrrrrrrrein. Brrrrrrrrrrrrrein.

– **sim?**

= pode abrir? Sou eu.

– **eu quem?**

= a sorte.

– opa! Pode subir.

...

...

...

Din-don.

– oi! Sabia que um dia você...

= que cara é essa? Nunca me viu?

– ahnnnn. Na verdade, não. Sempre fui meio azarado.

= não faço distinção. Um dia, cedo ou tarde, chego para todo mundo.

– sabe, sem querer ofender, mas não parece que a senhora está sorrindo para mim.

= não, mesmo. E por que estaria? Só se fosse um riso nervoso, também sem qualquer intenção de parecer ofensiva.

– mas é o que dizem: “quando a sorte sorriu para mim...”

= sorte? Quem disse sorte? Eu falei morte.

– puxa vida! Jurava que tinha ouvido sorte.

= autossugestão, negação, boicote... vai saber.

– falha no porteiro eletrônico. O som cortou bem na hora em que a senhora falou. Deu um chiado agudo, sabe?

= sei. Mas agora vamos.

– como assim, vamos? No mais, sem tempo para me recuperar do susto ou me despedir da família?

= isso.

– um último pedido. Sei que tenho direito.

= não tem.

– sério? Mudou? Deve ser coisa recente, troca de governo...

= não. Sempre foi assim. É o protocolo.

– mas nos filmes...

= Hollywood. Pura invenção.

– pelo menos a senhora me permite fazer uma última pergunta? Dúvida antiga.

= depende. Há coisas que só o tempo se encarregará de explicar. Coisa do protocolo.

– entendi. Mesmo assim, vou arriscar. Afinal, o máximo que pode acontecer é “não posso responder”.

= exato.

– lá vai: quando a gente nasce, pequenininho, já está tudo certo para morrer? Data, hora, lugar... tipo destino?

= mais ou menos.

– mais ou menos? Não me respondeu.

= sim e não.

– como assim?

= há um plano esboçado, quase um rascunho, nada definitivo. Conforme as escolhas vão sendo feitas, uma a uma, o roteiro vai sendo alterado, para mais ou para menos, o tempo todo, 24h por dia.

– **mmm... entendi. Tipo videogame, trocando de fase.**

= isso. Inclusive eles nos copiaram em várias coisas. Deveríamos tomar uma atitude..., mas nada que possa ser resolvido aqui e agora. Vamos indo, senão atrasa toda minha programação?

– **que coisa. Tinha tanto para conversar.**

= sempre temos e sempre teremos. Mas chegou a sua hora.

– **lamento.**

= entendo, mas regra é regra.

– **levo uma muda de roupa? Para o frio ou calor, RG, CPF, CNH?**

= não precisa se preocupar. Quando chegarmos, você saberá. Só assine aqui, na linha pontilhada, seu Atílio.

– **Atílio? Deve haver algum engano... me chamo Basílio. Atílio é o vizinho do bloco B.**

= o senhor só pode estar de brincadeira.

– **e eu sou doido de brincar com a morte?**

= aqui não é o apartamento 402 do residencial Tropicália?

– **sim.**

= então...

– **São 3 blocos: A, B e C. O meu é o A. A senhora se enganou.**

= esse pessoal do administrativo... sempre deixando as coisas pela metade.

– **pois é.**

= terceirização de tudo dá nisso. Barato que sai caro, retrabalho, reclamações no SAC...

– acontece. Dia desses foi a NET. Mês passado, a companhia de energia elétrica. Não tá fácil pra ninguém.

= nem me fale. Falta de pessoal, despedidas coletivas, PDV, metas e mais metas.

– entendo.

= mil desculpas.

– sem problema.

= será que o seu Atílio está em casa? Pra não perder a viagem.

– acredito que sim. É aposentado. Sai cedo para caminhar e papear com os amigos na praça. Antes das 8h costuma estar de volta.

= menos mal. Vou indo, então.

– ok.

= até qualquer hora.

– aham. **Quem diria?**

= o quê?

– **que eu iria ver a morte sorrir para mim, a essa altura do campeonato, na hora da despedida, e não sentiria nada de medo.**

= pois é... vivendo e aprendendo.

– **verdade. E fazendo escolhas!**

= com certeza.

– **tchau.**

= tchau.

– **bom trabalho.**

= valeu.

137. Loucos

Um dia o louco entendeu por bem ser a hora de chegar à cura.

Nada mais de imaginar, menos ainda de voar.

Trocar o nome das pessoas ou exigir algo delas se tornariam lembranças do passado. Bastava de viagens no tempo, desmaterialização ou teletransporte.

Melhor assim.

Para quem?

As coisas como coisas mal servem para usar.

De que adianta, então?

Lembrou-se: de parar com os remédios seria formidável, mas nenhuma novidade.

Há anos aprendera a não salivar durante a visita das enfermeiras e a alojar cápsulas em cavidades bucais.

Isso não pode ser são, renúncia sobre renúncia, com ganho algum.

Está mais para morte em prestações.

Se dispor a viver é o maior dos atos de loucura ou, no mínimo, uma sucessão de pequenas insanidades.

A única diferença está no pudor ou no despudor, varia muito, de mente para mente, pois a maioria, absolutamente.

138. Quer saber?

Falava pouco. Fazia o tipo caladão.

Ninguém sabia o porquê. Apenas era.

Uma noite, no caixa da farmácia, ao ser perguntado se queria CPF na nota, respondeu: “você é feliz?”. Silêncio. Após alguns instantes recebeu um protocolar “volte sempre”. Vida que segue, pensou.

Era manhã, aguardava o sinal fechar para os carros. Queria atravessar a rua pela faixa, “insegurança”. Uma senhora parou ao seu lado, perguntando-lhe: “será que hoje chove?”. Olhou para ela, bem nos olhos, e questionou: “quanto falta até seu último amanhã?”. Ela se despediu, não sem antes sentenciar: “levo sempre um guarda-chuvas nessa época do ano”. O show tem que continuar, balbuciou sozinho.

Dentes escovados.

Horário de sempre.

Enxaguante bucal cuspidado na pia.

Espelho levemente embaçado.

Olho no olho.

Um duelo no velho oeste.

Tensão.

De repente, sai um “... e tu?”

O outro, seja qual for, bastando que seja diferente do primeiro, de inopino, observa: “para que sofrer na busca por respostas, se e quando as encontramos as perguntas já são outras?”

Os dois sorriem.

O que iniciou o “papo” deixa escapar: “pois, então. Isso quando fingem qualquer interesse em quem está ali, diante deles.” 0 x 0. Bola ao centro. Quase prontos para um novo dia ou uma velha noite. Tanto faz. Depende do ponto de vista, com ou sem perguntas.

139. Pontos em vista

Entre um ponto e outro da vida, inclui mais um, bem no meio, prolongando-me em reticências... a escrever... descrever... inscrever...

Fosse menos determinado e apenas faria cócegas no segundo dos tais pontos. Não resolveria a questão em definitivo, até mesmo por não ser

essa a intenção. Em se tratando de escrita e leitura, o segredo é não se apressar: curtir e gozar. Chegar às raias do navegar, flutuar, quase procrastinar.

Excitaria o ponto no lugar certo, de leve, causando prazer, até despertar-lhe desejo, tornando-o uma vírgula. Confesso: nunca olhei um pingo na folha ou na tela com olhos de sacanagem...

Radicalizando de vez, com a violência que marca a atualidade, a tesouradas, picotaria sem dó ambos os pontos.

Nada profundo, quase indolor, na medida exata...

Passado o susto, respirando fundo, todos apreciariam o novo visual de belos asterisc*s.

Eis que num piscar – ou abrir – de olhos despertou desse sonho maluco.

Confiro cada uma das partes. Estão todas na caixola, bem espalhadas e inseguras, de onde nun-

ca deveriam sair. Cada uma a seu jeito, prontas para o infinito que só a imaginação de um texto proporciona.

140. Ler ou não ler, eis a questão

Refugio-me nos livros ou deles me alimento?

Busco proteção nas palavras alheias ou adio a eterna ameaça de seu esquecimento?

Alçar um texto a clássico, leva à imortalidade, mas, por vezes, isola tanto autor, quanto obra, em um pedestal, tornando-os inatingíveis à maioria. Sabendo disso, para que classificar ou redigir?

De tanto ler os outros, acabei me escrevendo.

Em um contrassenso de preservação, não permiti a ninguém mais a leitura.

Manter a exclusividade da criação do texto ou o isolamento dos hoje leitores que amanhã poderiam também se desafiar em letras?

141. Adeus

Pouco entendo a etimologia das palavras, menos ainda o sentimento das gentes.

Desconheço a origem ou a consequência do adeus. Acredito que possa ter a ver com “a Deus entrego” ou “a Deus, que explique”.

Dói ouvi-lo, dói dizê-lo. Bem ou mal, anuncia a desistência e marca o fim da espera.

142. Cambalache ou pós-verdade

Questão de opinião, questão de ponto de vista.

Dizer o oposto do que faz: ironia ou incoerência?

Elogiar o negativo: maldade ou crítica?

Justificar os meios pelos fins: maquiavélico ou pueril?

Fazer diferente: visão ou ignorância?

Sendo cada caso um caso não há mais certo ou errado.

Só tentando para saber.

Como decidir, planejar, avaliar?

E agora?

143. O homem e o pó

O homem-pó, levado pelo vento, esfacelava em definitivo.

Não sabia desde quando começou a se desintegrar, dia após dia. Talvez jamais tivesse sido, de fato, íntegro.

Preferia imaginar-se no passado, por apreço à geologia, como pedra de talco. Comum, mas pouco conhecido.

Ou, então, barro, depois tijolo, até se romper por inteiro, em um processo explicado, passo a passo, pelo materialismo, das estruturas às rela-

ções. Coisa séria, firme, científica. Mas sobraria um mínimo espaço para a poesia...

Se nada adiantasse, rezaria com fervor para não chover, confirmando o Eclesiastes. Retornaria ao pó do qual alguns creem ser a origem não apenas dele, mas de todos os homens. Do início dos tempos, para todo sempre. Que assim seja!

144. Envolvimento

Um de cada lado.

Miram. Imaginam. Inspiram.

Aproximam-se, lentamente, palmo a palmo, se encarando.

Imantados, o primeiro contato denuncia a forte química.

Calor, odor, sabor.

Movimento, pausa, fusão.

Uma vez, depois outra e mais outra.

Círculo, roda, elo.

Sucção, invasão, expiração.

Plenitude.

Vício? Hábito? Costume?

Que importa!?!?!

Matear é tudo isso e um tanto mais.

Não cabe em palavras, mesmo que, sob medida,
do substantivo se faça verbo.

Resumindo, pra não encompridar demais o
papo: é uma baita relação!

Ou várias, se parar pra olhar melhor.

145. Beijo

Quando dois corpos transpõem a barreira que
separa o “eu” do “tu”, criam algo novo, um nó.

Do encontro, sinergia pluralizante, transformadora do nó em “nós”.

Potência que se traduz em laço.

Mãos, braços, abraços.

Pés, pernas, tranças.

Pênis, pélvis, lábios.

Tanto em concomitância.

Difícil saber quando começa, mais ainda quando o fim se aproxima.

Não há dúvida, apenas, sobre o espaço desse tudo: onde senão no beijo?

146. Humanidade

Não há luta de um só, mas uma só luta.

147. Ameaça

– bom dia.

* olá.

– algo cortante, pontiagudo ou inflamável na mochila?

* talvez.

– talvez? Pode mostrar antes do raio-X?

* melhor não.

– senhor, são as regras da ANAC.

* eu sei. Só não me sinto à vontade.

– acho que não me fiz claro. Antes de passar pelo raio-X, preciso examinar o conteúdo da mochila, principalmente pelo senhor não ter certeza sobre as características do conteúdo.

* isso eu já entendi. Mas a pergunta é muito subjetiva. Qualquer resposta pode estar certa, mas

também errada. E aí, como é que eu fico?

– então abra a bagagem. Examino de longe. Não toco em nada. Caso não esteja de acordo com as normas, a senhor terá que descartar o item naquela caixa de vidro. Do contrário, segue pelo raio-X.

* sei.

– então...

* difícil decidir.

– senhor.

* sim?

– a mochila.

* está bem. Pode olhar, mas continuo desconfortável. Só não diga, depois, que não avisei.

...

...

...

– realmente, o senhor tinha razão.

* viu? Não era má vontade.

– entendo. Nunca me deparei com uma situação como essa. Vou me reportar a meus superiores. Um minuto.

* ok.

– mas antes: senhores e senhoras, atenção! Para segurança de todos, favor se dirigirem à fila ao lado.

Grato pela atenção.

Alô, chefe. Estou aqui na esteira. Positivo, a do raio-X, com um senhor e sua mochila. Positivo, examinei. Se o conteúdo está de acordo? Boa pergunta. Não sei dizer. Receio infringir alguma regra se deixá-lo embarcar. Também tenho dúvidas sobre impedi-lo ou exigir que descarte o item. Preferia que o senhor visse e resolvesse. Não tem como? Vou fotografar e mandar agora mesmo.

...

...

– ficou boa a imagem? Consegue ler o que está escrito? Isso mesmo, um livro. Positivo, capa dura, tamanho normal. Páginas? Umas 350, 1/2 kg, talvez menos. Platão, “A república”. Positivo. Não li, nunca ouvi falar e não conheço a “história”. Mas sabe como é, né, livro é livro. Filosofia? Sério? Meu Deus, só piora. Positivo, pode ser perigoso embarcar numa coisa dessas. Quer dizer, com uma coisa dessas. Entendido. Obrigado. Pode deixar.

Senhor, teremos que averiguar. O manual não é específico a esse respeito. Cortante, pontiagudo, inflamável, tudo muito vago. Pelo menos a partir de hoje. Terá que aguardar por mais alguns instantes.

* sim.

...

– até lá, posso lhe fazer só mais uma pergunta? Não faz parte do protocolo.

* sem dúvida.

– recomenda?

148. Caligrafia do ser

Nas pautas da vida, me inscrevo na linha, embora encontre o sentido das coisas nos vãos das entrelinhas.

149. Em curto

Quando o sonho invade a realidade, os polos se invertem e “circular” é questão de tempo.

150. Filtros

Snapchat demais, superego de menos.

151. Mãe

Ao tornar-se mãe, em ideia ou ação, deixa-se o mundano para ingressar numa dimensão sem tempo ou espaço.

Simbiose física, hospedagem da alma, fruto do coração. Não cabe em definições, nem se sujeita à compreensão. Simples e complexa: é, foi e será.

Deve ter inspirado o autor do verso “a medida de amar é amar sem medida”.

Assim, jamais se preocupe com a finitude, diga “adeus” ou deseje “descanse em paz” a uma mãe: a eternidade não conhece limites.

152. Escafandro de mim

Inspirado em ti, expirei.

Perdi o fôlego.

Submergi.

Mergulhei a fundo no meu ser.

Afoguei.

Não consegui voltar à superfície.

153. Morta vida morta

Viver a vida ou matar a morte?

Viver a morte e matar a vida.

Viver e matar: vida ou morte.

Viver, matar, vida, morte...

154. Foi?

O esquecimento é inevitável, a morte da memória.

Questão de tempo: “quando”, não “se”.

Lembranças desbotam, se transformam em palavras, que se aglutinam em narrativas... múltiplas, contraditórias, incompatíveis, até.

“Recordar para não esquecer; não esquecer para não repetir”, entoam multidões, repletas de razão.

Ou quase.

O mantra invoca a vida, mas cultua uma versão.

155. Bons tempos

Bons tempos aqueles em que se perdia o amigo,
não a piada.

Hoje, perde-se a vida, jamais a *selfie*, a postagem
e o *like*...

156. Versando

Carro do ano, coleção da estação, meme da
hora, atualização do minuto...

Em meio a tantas versões, o que sobra para ver-
sos e versinhos?

157. Sutileza

Tudo o que mirava, cedo ou tarde, caía-lhe aos pés ou chegava-lhe às mãos. Sem qualquer receio de não conseguir, apenas encarava. Riquezas, saberes, aventuras, até mesmo o sexo.

Platão gozaria se o visse em ação: ideia, fato; pensamento, realidade. O sonho de qualquer mortal, pela realização de todos os seus desejos. O toque de Midas!

Estava sempre cercado de pessoas, louvando-lhe o dom. Sem esforço, encantava. Para que a eternidade se o universo se encontra ao alcance da vista, aqui e agora?

Em meio a tanto, não era feliz. O que realmente desejava lhe era sonogado. Carregava uma maldição sobre os ombros. Fora-lhe roubado o medo da frustração!

Aquele que nos aconselha ao pé do ouvido, suavemente, antes de uma tentativa meticulosamente planejada: “c-u-i-d-a-d-o”...

Que nos tira o sono, a perguntar “e se...?”

Ou que embrulha o estômago, acelera o coração e nos impulsiona a reavaliar, amadurecer e entender a sutil diferença entre quero e necessito.

Extirparam-lhe a graça da vida, o brilho da imperfeição, a humanidade de sonhar, falar e aprender.

158. Tá

Para bom entendedor

159. As cores da reflexão

“A vida não tem cor”, disse a menina.

O pai escutou, calado.

Não havia pergunta a responder.

Preferiu provocar a se omitir:

“Realmente, não tem cor, mas cores... todas, inclusive as que ainda não existem e jamais existirão”.

A criança se pôs a pensar.

Nada de retrucar.

Ainda havia esperança.

160. Poesia e se

Se “a mentira é uma verdade que esqueceu de acontecer” (Mário Quintana), a verdade, de verdade, é uma mentira memoriada ou memorável?

E o que dizer de a vida ser “a arte do encontro, embora haja tanto desencontro” (Vinícius de Moraes): desencontro como subproduto da vida ou um tipo de arte marginal?

Admitindo-se que “não há caminho” e “se faz caminho ao andar” (Antonio Machado), pra que bússolas e mapas diante de pernas e sonhos?

A poesia até pode levar à ressignificação das coisas, mas não convive, ao menos não pacificamente, com certas doses de filosofia.

161. Enquadramento

Normal, do latim *normalis*, de acordo com a regra.

Mas quem faz as regras? Para quê? Já parou pra pensar?

Nem se dê ao trabalho de responder, basta refletir.

E agora, há volta?

Pois, então.

Pensar nos distancia do padrão, em um processo totalmente “a-normal”.

Qualquer coisa diferente disso é pura normatividade.

162. Lance

Meu corpo no teu, no meu, no teu... o nosso.

Um só, fundido, fodido, fodendo-se, sem início, ao meio, sem fim, agora e sempre.

Transa, tensa, tesa, trama em nós, só nós, nós mesmos.

163. Escolhas decisivas

Somos programados para viver dentro de cadernos de questões de “múltipla escolha”, onde o infinito cabe em A, B, C, D ou E.

Mas decidir como lidar com a complexidade multifacetada da vida exige um pouco mais.

Algo como erguer levemente os olhos...

164. Arte

Visão, tato, olfato, gustação e audição: de que servem sem o gozo que só a arte consegue provocar?

Existirá, honestamente, algum sentido?

165. Arterógena

Pela arte, os sentidos se fundem, potencializam-se, elevando o ser a um estado erógeno.

166. Sentir

O sentido da vida é sentir, independente do tempo, sujeito ou objeto.

Veza por outra, vale ressentir, presentir.

Sintamos! Senti! Sentirás?

Tanto faz, desde que presente, passado e futuro toda forma de sentimento.

167. Diferença

Não existe o sentido da vida, mas sentidos... rígidos e mutáveis, perceptíveis e invisíveis, grandiosos e singelos.

Assim o são para um, assim o são para todos. Não comportam distinção, tampouco exceção.

Escolher ou deixar escolherem, eis o pulo do gato, toda a diferença.

168. Aventurar-me em ti

Sonho navegar pelo teu corpo,

escalar tuas ideias,

voar por teus desejos,

correr em teu sorriso,

deslizar por tuas curvas.

De repente, desperto.

Tudo não passou de uma lembrança.

169. Cerca y lejos

Cá entre nós, a cumplicidade é a menor distância entre dois seres.

Já em meio aos nós, a maior de todas segue sendo a rotina.

170. Sem te...

Sente-se.

Sinta.

Sem ter sentido.

Sentiste?

Sentença sem tato.

Cinta? Sem, tá?

Sem te... nem a si.

171. Poeta

Poderia ser Leminski.

Mas não é.

Infeliz mente.

172. Atados

O mundo se divide entre os que buscam laços e os que se atiram nas cordas.

Entre uns e outros, nós, cegos, um pelo outro.

173. Expectar

Viver é uma sequência de expectativas:

próprias,

alheias,

coletivas,
públicas,
legítimas,
irreais,
concomitantes,
realizáveis,
frustradas,
instigantes,
futuras,
desafiadoras,
expectativas e mais expectativas, seguidas de outras e mais outras, sem fim ou às portas do “game over”.

Por essa não esperava? Frustrou?

174. Ah! PROBLEMAS & problemas

Em contato com as primeiras letras, percebi que em pouco tempo conseguiria ler e escrever meu próprio nome. Eram 5 caracteres, dos quais 2 vogais, em 2 sílabas. O que poderia dar errado? Me sentia quase um adulto.

Mas como não existe felicidade, apenas momentos felizes, segundo a matriarca da família, ganhei confiança e decidi avançar, almejando o sobrenome.

Minha mãe acabou facilitando tudo, pois extirpou seu sobrenome de solteira, assumindo, no lugar, o de meu pai. Achava muito longo e complicado, só causando problemas. Sempre desconfiei que fosse desculpa, um jeito de comentar que tinha desencajado e não ficado pra “titia”. Algo assim. Afinal, que mal poderiam causar 10 letras, sendo uma única vogal? Coisa de adulto. Na verdade, muito tempo depois descobri que era só russo.

Mas voltando ao sobrenome, mais uma vez o número 5 se apresentava. Eram 5 letras, 2 consoantes de cada lado, espremendo uma solitária e brava vogal. Ironia ou coincidência, o “recheio” esse prato era a letra inicial de meu nome.

Certo.

Duas das consoantes também repetiam letras do nome.

Fácil.

Uma nova consoante, quase uma cruz, formada por 2 riscos, o tal de “t” ou o “t” de tal. Tanto faz.

Tudo seguia bem.

Por fim, um último som familiar, mas com uma cara diferente: “k”.

Estranho.

Por essa eu não esperava.

Lembrava o “c” do nome, em quase tudo.

Não aparecia no alfabeto do português brasileiro.

E, mesmo assim, existia no mundo todo.

Como fico no meio disso tudo?

Eu só queria dizer quem eu era... pelo nome, por escrito... ambição demais para alguém tão jovem?

Descobri da pior forma que as coisas podem ser boas, fáceis e delicadas. Como o “k”, por muito tempo fui um estranho em uma terra estranha. Nada de patinho feio que depois se descobre cisne. Um estranho total.

Eis que, passando dos 30, compreendendo e aceitando quem de fato eu era, dentro ou fora dos padrões, testemunho a mais uma reforma ortográfica, pela qual o “k” acabou anistiado, retornando do exílio diretamente ao alfabeto verde e amarelo.

Barbada!

Menos um problema para minha descendência em tempos tão complexos e instáveis.

Ufa!

Reparada a dívida histórica com a injustiçada letrinha, só faltava corrigir a grafia do meu sobrenome, resgatada diretamente do original eslavo, como aparece no passaporte lituano do vovô, de 1927, atualizar todos os meus documentos, autenticar e traduzir as cópias em várias vias, por profissional juramentado, pagar as taxas

em guias próprias, pelo câmbio do dia e, então, dar entrada no pedido de reconhecimento de dupla cidadania junto à embaixada. Simples assim, coisa rápida, me garantiu um dos responsáveis. Nada como a maturidade. E pensar que um dia a letra “k” foi o maior dos meus problemas.

175. Do ser e do humano

Standard, básico; *plus*, luxo.

Respeito: ponto de partida, universal.

Estima: horizonte, singular.

Simple, simplório, palpável.

Mas não em um tempo no qual o elementar se mostra exceção e o ser humano opta por não se relacionar com os outros, os subordinando, aniquilando, coisificando.

Inadiável e vital resistir, sob pena da omissão nos legar apenas memórias do ser e do humano.

176. Níveis

Ser humano ou ser ameno, ao menos.

Aterrorar, poetizar... sem deprimir?

Viver na superfície, sonhar com as alturas, mas se perder em profundezas.

Nada mais divino, terreno e infernal do que a beleza de ser em suas contradições sem fim.

177. Grada são

Há coisas que não comportam gradação, apenas são.

Folhas no outono, secas ou por secar, penduradas pelo imperceptível ou dançando livres.

Ambas folhas, outonais a seu jeito, à espreita do inverno, incomum, em comum, apenas são.

178. Arte-são

Manifesta-som, pre-texto, erra-bisco.

Toco, me toca, em mil e tantas trocas.

Desentoca, retoca, estoca... toc-toc-toc...

Em cada toque, um sentir, e nele, todos.

179. Será?

Quando o impossível dá as caras, a realidade tre-
me nas bases.

180. Subject

Ignoro a origem,
o que sentiu,
como olhou.

Me reconheço em cada ponto,
pincelada, acorde.

Não como até aqui.
Agora,
sem depois,

nem como antes,
tudo parece fazer sentido,
ressentido,
re-sentindo.

Certo ou errado,
apenas faz,
pelo infinito que durar.

181. Poesia carnal

Poetizo teu corpo, em verso, frente e lado, teso,
todo... direito e avesso.

Rima rica, assimétrica, paralelismo rendido, à
mercê, arregaçado.

Em fio, arrepio, eclipse, ancas trêmulas à espreita.

Texto mudo, em urro, arranco a 4 mãos, de 04, 3 x 4.

Reticente, te sinto, pau...sa, (vír) gula... uma e outra, depois mais outra e... afff...

Ardente, al dente, quente... simples demais, simplório, mas só a quem, como nós, nos comendo, sente. Entende?

182. Infinito

Não deixarei de sonhar com o oceano, apenas por saber que jamais navegarei em todas as correntes.

Não deixarei de olhar para o céu, apenas por saber que jamais enxergarei todas as estrelas.

Não paralisarei diante dos livros, apenas por saber que jamais lerei todas as histórias.

Definitivamente, não.

Porque a beleza do infinito está no desafio de ir

sempre além, sem esquecer, por único instante,
do próprio fim.

183. Plantar

Plantar sonhos não dá árvore.

184. Tomar partido

Na dialética entre
bem e mal,
esquerda e direita,
público e privado,
profano e sagrado ou até mesmo
gregos e troianos,
tomo partido da dialética.

O motivo?

Não há vitória no “pensamento” único e, provavelmente, sequer pensamento, sendo bem sincero...

185. Ora, bolhas!

Dentro da bolha, não cabe reflexão ou troca, apenas *posts*.

Fala-se com as paredes, ouve-se eco.

Pura verdade. Com certeza. Graças a Deus.

Como saber?

É só ver no *Whats*, ora.

186. Além, aquém, amém

Céu, purgatório e inferno existem, não como lugares, mas conexões.

Nem para o além, tampouco ao aquém.

A frequência está mais para amém: a mente de “quem sabe faz a hora”, a lá Vandrê.

187. Is tor ia

História, histórias, aos mais antigos, estória.

Todos têm, muitos desconhecem, a maioria se contenta com lampejos ou versões.

Falo daquela com “h” maiúsculo, quase sempre contada com ares da outra, como se não o tivesse.

Nada mais perigoso do que questioná-la, confrontá-la, contextualizá-la. Tente pra ver.

Só perde, mesmo, “ali, ali”, para fingir que não existe. Ishhhhhhhh... melhor nem pensar... porque aí, é historicídio na certa. Já vi essa... como farsa ou tragédia. Ainda não contei?

188. Agonia

Agonia.

Estertor. Badalo. Anseio. Dicionarizada.

A-go-ni-a.

Agouro, aguento, aguardo. Não para agora;
para uma hora ou outra.

A.g.o.n.i.a.

Viscosidade. Inércia que morrendo se mantém viva. Equilíbrio entre um quase e outro.

A..g..o..n..i..a.

Estalactite do sentir. Antimovimento.

A...g...o...n...i...a...

Maldição. Agoniza, se desfaz.

Tic. Tac. Tic. Tac. Tic...

AG

ON

IA

Ga... gue... jo... em... for... ma... de... tem...
po...

A

G

O

N

I

A

Tar... ta... mu... dez... sem... paz... eis... que...
de... re ... pen...

189. ... pé nem cabeça...

* Por quê?

– Porque não.

* “Porque não” não é resposta.

– Então, é uma pergunta?

* Não, “então”, nesta frase, é interjeição...

– Não.

* É, sim.

– Não. Quis dizer que “porque não” não é resposta. Nada a ver com “então”.

* Claro que é, pois enfrenta uma pergunta.

– Pode ser, mas não satisfaz.

* Com certeza. Por isso mesmo é uma resposta, meio que capenga.

– Bem por aí. Foi isso que eu quis dizer...

* Quis, mas não disse, de novo...

– Não, mesmo.

* Pra ser honesto, incompleta foi a pergunta. A resposta só deu o troco e na mesma moeda.

* Faz sentido. 1 x 0. “Mea-culpa”.

– Nada disso, culpa nossa, 0 x 0, pois a intenção sempre esteve ali, na cara, ainda que não dita com todas as letras. E isso, eu já sabia.

* SÉRIO?

– Não, tô brincando... só pra não perder a piada.

* Tá bom... mas paciência. Já nem lembro mais o que queria saber.

– Puxa, que coisa! Mas pelo menos valeu o papo.

* Se o amigo diz...

– Digo e repito. Aham.

- Por quê?

-

190. Labaredas

A. Botar lenha na fogueira é fácil.

Quero ver lidar com as labaredas!

B. Quem gosta atizar o fogo não pode ter medo de se chamuscar.

C. Todos apreciam o crepitar das chamas, mas juntar as cinzas no fim da festa...

D. De aquecer a tostar é um piscar.

E. Ardente e arrebatador, qual chama que enlaça o frio...

F. Amo o fogo.

Não sei ao certo o motivo, apenas que muitos os porquês.

Pela força da chama, pela sensualidade com que baila ou, talvez, pelo calor.

Hipnose na assimetria, imprevisão da forma, insaciedade sem fim.

Nele me perco, encontro, reencontro.

Me fundo, ao fundo e transformo.

Aceso, me acendo e ascendo.

Não por acaso, o primeiro ato da criação foi separar a luz das trevas ou, melhor dizendo, o fogo de todo o resto. Pelo visto, não sou o único...

191. Impossível

O impossível desafia a realidade como a julgamos conhecer.

Inspira, instiga, perturba.

Jamais será um destino.

É a própria viagem.

192. Ser no mundo

A obra de alguém é seu ser no mundo.

Mais do que mera criação, o fruto da árvore humana é também a raiz que a liga a tudo e devolve ao meio aquilo de que se alimentou e formou.

A maior prova de que “na natureza nada se cria,
nada se perde, tudo se transforma.”

Lavoisier já sabia.

Químico e filósofo.

Fruto e raiz.

193. Poesia

A poesia só pode ter sido inventada por alguém feio.

Feio e tímido.

Tímido e sensível.

Sensível e consciente.

Mas, acima de tudo, estrategista.

Não tinha a menor dúvida sobre o poder do
foco na formação de um olhar.

Mas há que sustente ter sido obra de alguém cego.

Cego ou doido.

Doido ou gênio.

Se não fosse assim, como contestar que “o essencial é invisível aos olhos”?

Entre gregos e troianos, sempre está a turma do “deixa disso”, em cima do muro, o incompreendido, “centrão”.

Para ela, a beleza está nos olhos de quem vê, coisa e tal, blábláblá. Ou seja, cada leitor escreveria a própria poesia.

Eis que chega a Ciência e põe um ponto final a tudo, sem romantismo ou “eu lírico”, em um tiro surdo e impiedoso: estratégia e beleza interior, coisa nenhuma. O segredo dessa história, em prosa ou verso, se chama sapiossexualidade!

Porque, em matéria de gente, tem gosto pra tudo.

194. Fé

Seja em Deus ou no diabo,
em ambos ou
em nenhum, tanto faz.
O importante é acreditar.

A fé está na essência humana,
mesmo pela negação ou crítica.

O aparente descrer é uma forma de crer, só que pelo avesso.

Como tudo tem limite, só não pode chegar ao ponto de transformar alguém em um ninguém de sua própria história, figurante sem voz ou vez.

Do contrário, não passa de *coaching*.

195. Vida

Vida é paixão.

Busca ou fuga, uma sempre à mercê da outra.

Magnetismo, atraí e repele.

Alternância de altos e baixos, qual estações de uma viagem sem destino.

Simples e complexas, assim.

196. Se foi...

Se foi mentira, que nunca se prove a verdade.

Se foi um sonho, que dure até depois do amanhecer.

Se foi engano, quem se importa?

De tudo um muito, de nada um pouco.

Apenas uma certeza: de ter sido sem volta.

-X-X-X-X-

Si fue...

Si fue mentira, nunca pruebes la verdad.

Si fue un sueño, dura hasta después del amanecer.

Si fue un error, ¿a quién le importa?

De todo mucho, de nada un poco.

Solo una certeza: era algo sin retorno.

197. Inversa (e estranha) mente proporcional

Quanto mais horas tento agregar a cada dia,
menos de mim sinto em cada uma delas.

Acelerar o tempo no anseio de viver sempre além.

Tropeço, cambaleio, me perco.

E pensar que criança, ri do coelho e seu relógio,

tagarelando e correndo, apressado, pelo País das Maravilhas.

Mal desconfiava que, em um piscar ou menos, o coelho seria eu.

198. Inconclusiv

Espero que hoje.

Sonho em um dia.

Saudade de quando.

Que tempos, hein?

199. Lições da intempérie

Diante da tempestade, o desafio é não se permitir abater. Ao menos não em definitivo.

Que o gotejar da chuva ensine o poder da constância, assim como o raio, o relâmpago e o trovão transmitam a força do fazer coletivo.

Frio, vento e sombras compõem uma noite, aparentemente infinita.

Paciência, e muita, sem descuido com o olhar.

Nada, absolutamente nada, impedirá o sol de voltar a brilhar.

Questão de tempo, de bom tempo.

200. *Links*

Link é atalho, jamais destino. Uma espécie de rótulo, que identifica, mas não se confunde com o conteúdo.

Ajuda sem resolver.

Evoluir é aprender, passo a passo, a cada desafio do caminho.

Apenas a íntegra da jornada proporciona a vivência do percurso, a reflexão do acontecido, o amadurecimento do viajante.

Vale para as palavras, vale para a vida.

Ainda assim, sempre haverá mercado para resumos e 3D.

201. Dezembrando

Resoluções de ano velho:

1. Projetar o futuro em pleno “presente-ausente”.
2. Insistir em sonhar na Era da Insônia.
3. Viver com coerência em meio à farsa.

Questão de resistência e, por que não, de re-existência.

202. Tempo e vida

Segundos, estações, luas.

Pontos cardeais.

Cartografia.

Necessidade humana.

Mortal e efêmera.

A vida não depende do tempo, nem ele, dela.

A vida só precisa ser enquanto for, como o tempo.

Nem mais, nem menos.

SER.

203. Trilhar-se

Trilhas que cortam o ser, afastam da civilização.

O passo que passa, sem pressa, reaproxima, aos poucos, da humanidade.

O tempo congela, o vento desafia e a paz... a paz
s-u-s-s-u-r-r-a... p-l-e-n-a...

Parece cume, mas é só começo.

Sempre é.

204. Manhã de sol

Escadas, rampas, obstáculos.

Dificuldade sobre dificuldade.

Calor de rachar.

Esforço, cansaço.

Pura perda de tempo.

Olhando melhor...

Montanhas, castelos, abismos.

Desafio sobre desafio.

Uma brisa animadora.

Criatividade, aventura.

Pura magia.

Assim são os parquinhos, assim é a vida.

Quantas vezes a beleza e a feiura estão nos olhos
de quem vê ou de quem quer ver?